

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

RAFAEL PASSOS DE MELO

**PATRULHAMENTO E SEGURANÇA NACIONAL: SOB A ÓTICA DA  
VIGILÂNCIA EM NOTURNO DO CHILE**

São Luís- MA  
2017

**RAFAEL PASSOS DE MELO**

**PATRULHAMENTO E SEGURANÇA NACIONAL: SOB A ÓTICA DA  
VIGILÂNCIA EM NOTURNO DO CHILE**

Monografia apresentada ao  
Departamento de História da  
Universidade Federal do Maranhão,  
como requisito para a obtenção de grau  
de Licenciado.

São Luís- MA  
2017

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Passos de Melo, Rafael.

Patrulhamento e Segurança Nacional : Sob a ótica da  
vigilância em Noturno do Chile / Rafael Passos de Melo. -  
2017.

69 f.

Orientador(a): Fernanda Rodrigues Galve.

Monografia (Graduação) - Curso de História,  
Universidade Federal do Maranhão, São Luís - MA, 2017.

1. América Latina. 2. Chile. 3. Ditadura. 4.  
Literatura. I. Rodrigues Galve, Fernanda. II. Título.

**RAFAEL PASSOS DE MELO**

**PATRULHAMENTO E SEGURANÇA NACIONAL: SOB A ÓTICA DA  
VIGILÂNCIA EM NOTURNO DO CHILE**

Monografia apresentada ao  
Departamento de História da  
Universidade Federal do Maranhão,  
como requisito para a obtenção de grau  
de Licenciado.

Aprovado em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. <sup>a</sup>Dr<sup>a</sup>. Fernanda Rodrigues Galve. (Orientadora)  
Universidade Federal do Maranhão

---

1º Examinador (a)

---

2º Examinador (a)

Em dedicação aos meus pais, Valdir e Telma e  
aos meus irmãos, Fabiana e Wagner,  
por seu apoio e amor de sempre.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pela força diária concedida mesmo diante de todas as adversidades que surgiram no caminho, me deu sustento e iluminou meus caminhos. Aos meus pais e aos meus irmãos, pelo apoio, pelo amor e pelos ensinamentos dedicados à mim e aos meus irmãos, garantindo minha formação moral e pessoal.

Aos meus amigos que me acompanham desde o início da busca pela conquista desse sonho, em especial às minhas amigas Juliene Hidelfonso e Luana Ribeiro e ao meu amigo-irmão Jaksoel Aroucha, por estarem ao meu lado nos mais diversos momentos, seja no riso ou no choro. Obrigado por tudo.

Aos companheiros da turma 2013.1 de História, os quais compartilharam conhecimentos e contribuíram para o alcance desse objetivo, em especial à Gabriella Vieira e Claudio Machado.

Aos amigos que fiz ao longo dessa jornada, em especial à Leilane Andrade e Ana Cecília Aragão, pelos conselhos e presença.

Aos amigos que a vida me deu oportunidade de conhecer no Arquivo Público do Estado do Maranhão- APEM, em especial à Luma Baia, Jussara Pétala, Fabiola Pinheiro e Tayane Cristina.

Aos amigos do PIBID que tanto me ajudaram e compartilharam conhecimentos, em especial à Hiago Andrade, Vanessa Gomes, Driely e Drianny Coelho.

À Prof<sup>a</sup> Maria Luiza Cruz e à Vilma Castro pelos ensinamentos e paciência que contribuíram para a minha formação pessoal e profissional.

Ao meu grande amigo e xará Rafael Aragão pelas ajudas contínuas e pelo companheirismo.

Aos professores do curso que me trouxeram grandes inspirações com seus ensinamentos, garantindo-me a certeza dos caminhos que queria percorrer.

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Fernanda Rodrigues Galve, pelos ensinamentos, paciência, confiança e companheirismo, que se dispôs a orientar esse trabalho de conclusão de curso, por isso, meu mais sincero muito obrigado.

E a todos que não foram aqui citados, mas que de algum modo contribuíram para a realização desse sonho.

Quando se analisam conceitos passados cujos termos ainda poderiam ser os nossos, podemos ter uma ideia das esperanças e anseios, das angústias e sofrimentos dos contemporâneos de então.

(REINHART KOSELLECK)

## **RESUMO**

Tendo por objetivo o incentivo à produção de pesquisas sobre as ditaduras latino-americanas e do Caribe através de uma perspectiva interdisciplinar, este estudo visa explorar a temática através do diálogo entre Literatura e História, procurando compreender o processo de estruturação dos sistemas ditatoriais que se instalaram nos países latino-americanos, como se deu no Chile, objeto de estudo desse trabalho, bem como observar os paralelos entre realidade e ficção que sugerem testemunhos de um momento histórico, com base na obra *Noturno do Chile* do escritor Roberto Bolaño, seguido por embasamento teórico de obras como “Vigiar e Punir” de Michel Foucault e “Poder Simbólico” de Pierre Bourdieu e “Origens do Totalitarismo” de Hannah Arendt.

## **PALAVRAS-CHAVES**

Ditadura, América Latina, Chile, Literatura.

## **ABSTRACT**

The aim of this article is to foment the production of research about Latin American and Caribbean dictatorships through an interdisciplinary perspective. This study also aspires to explore the topic by way of the dialogue between Literature and History, trying to understand the process of structuring the dictatorial systems that have settled in Latin American countries, taking Chile as the object of this study, as well as to observe the parallels between reality and fiction that suggest witnesses of a historical moment, based on the work of Chilean novelist Roberto Bolaño, followed by the theoretical basis *Vigiar e Punir* by Michel Foucault; *Poder Simbólico* by Pierre Bourdieu and *Origens do Totalitarismo* by Hannah Arendt.

### **KEYWORDS:**

Dictatorship, Latin America, Chile, Literature.

## LISTA DE SIGLAS

APEM	Arquivo Público do Estado do Maranhão
CNI	Central Nacional de Informaciones
DINA	Dirección de Inteligência Nacional
DOPS	Delegacia de Ordem Política e Social
EUA	Estados Unidos da América
SNI	Serviço Nacional de Informações
UFMA	Universidade Federal do Maranhão

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 O TEMPO E OS CONCEITOS DIANTE DO CAMPO DA REPRESENTAÇÃO.....</b>	<b>20</b>
<b>3 VIGILÂNCIA E SEGURANÇA NACIONAL: O PAPEL DOS INFORMANTES EM NOTURNO DO CHILE .....</b>	<b>24</b>
<b>3.1 O interesse no controle e na manutenção de uma lógica .....</b>	<b>26</b>
<b>3.2 Antes de Pinochet: o governo Allende e suas mudanças no Chile.....</b>	<b>30</b>
<b>3.3 O 11 de setembro chileno .....</b>	<b>32</b>
<b>4 OPERAÇÃO CONDOR E O SIMBOLISMO DO FALCÃO EM NOTURNO DO CHILE .....</b>	<b>36</b>
<b>4.1 Mecanismo de vigilância pela manutenção de uma ordem .....</b>	<b>38</b>
<b>5 PERCEPÇÕES SOBRE RELIGIOSIDADES E DITADURA EM NOTURNO DO CHILE .....</b>	<b>40</b>
<b>6 PODER, VIOLÊNCIA, CENSURA E ESTADO DITATORIAL.....</b>	<b>46</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>64</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>66</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*Noturno do Chile* é uma obra literária escrita nos anos 2000, pelo premiado autor chileno Roberto Bolaño<sup>1</sup>. Usando em seu enredo um diálogo entre o caráter real e o fictício, a obra faz uso do universo da representação e de uso de metáforas que tornam a leitura ainda mais convidativa. Em seu contexto, se apresenta o momento de transição entre os governos do socialista Salvador Allende, eleito em 1970, seguido do regime ditatorial instaurado pelo General Augusto Pinochet, entre os anos de 1973 a 1990.

Na vivência de uma complexa conjuntura, carregada de terror social e silenciamentos, a ditadura chilena impôs uma intensa difusão de controle e vigilâncias promovidos pelos representantes de tais ordens em relação à população em geral. Assim, como tema central será trabalhado ao longo das seções dessa monografia, a questão do patrulhamento em tempo de cerceamento das liberdades, no Chile e no Brasil.

Por intermédio disso, através da narrativa do romance de Roberto Bolaño tentou-se perceber um Chile que o autor fez parte, por meio do qual ele tenta explorar e trazer testemunhos de uma possível realidade vivenciada, ao passo que essa esteve inserida em um contexto ditatorial.

Nascido no ano de 1953, em Santiago, capital chilena, Roberto Bolaño destinou grande parte de sua vida às produções, escrevendo obras diversas, sendo uma delas a que se faz aqui em destaque, *Noturno do Chile*. Através dela, o autor tenta apresentar um Chile marcado pela supressão de direitos, em releitura dos momentos vividos em uma obra literária, apresentando-o mediante seus personagens conforme suas atuações, tendo nesse caso nomes de destaque no enredo, como o padre crítico literário Sebastian Urritia Lacroix, o fazendeiro e seu melhor amigo Farewell e Maria Canales e Jimmy Thompson, esses dois últimos se demonstrando como decisivos no desenrolar da história, categorizados como informantes do sistema ditatorial chileno.

Inseridos ainda em *Noturno do Chile* se fazem personagens reais, como é o caso do General Augusto Pinochet, onde na história teria se dedicado em determinado momento a aprender um pouco mais sobre o marxismo, no intuito de reconhecer melhor

---

<sup>1</sup> Nascido em 1953, na capital chilena, a cidade de Santiago, Bolaño escreveu diversas obras ao longo de sua vida, estando entre elas: *2666*, *Os Detetives Selvagens*, *Estrela Distante*, *O Espírito da Ficção Científica*, *Amuleto*, entre outras. Em 1977, ela muda-se para Espanha, onde faleceu em 2003.

o seu “inimigo”, sendo nesse caso os ensinamentos ministrados pelo padre Urritia Lacroix.

Em si, a obra nos propõe também reflexões em relação a como se deram os suportes de funcionamento dos organismos de inteligência nacional e vigilância à dissidentes, sendo o personagem Jimmy Thompson apenas uma partícula para o funcionamento do sistema ditatorial, ou seja, para que tudo funcionasse bem, deveria haver o máximo de pessoas que compartilhassem daquela mesma forma de pensar, agindo “em favor de uma democracia e organização estatal”, segundo as concepções dos representantes.

Por fora do contexto literário, em análise aos nomes das vítimas, Roberto Bolaño, escritor da obra literária aqui discorrida se fez apenas como um dos afetados do regime ditatorial chileno. Segundo relatos biográficos encontrados, é dito que ele teria ficado oito dias aprisionado, acusado pelo crime de terrorismo e por sua orientação esquerdista. Aponta-se ainda que Bolaño só teria sido solto por conta dos carcereiros que foram amigos de escola. Como outros tantos que foram ao exílio, o escritor refugiou-se na Espanha, vivendo até fim de seus dias.

Visionário, Roberto Bolaño sempre questionou os fatores políticos e sociais de seu país, os quais lhe causavam um profundo incômodo pelas circunstâncias às quais a população estaria submetida. Não à toa que sua literatura se articulou como instrumento de denúncia. Apesar de inicialmente não ser reconhecido inicialmente por suas obras, Bolaño foi premiado por várias de suas produções em reconhecimento de sua atuação.

Através de relatos carregados de emoções, culpas internas e metáforas, apontados por Bolaño em *Noturno do Chile*, primou-se por analisar suas relações com o período transitório dos governos já apontados acima, trazendo comparações entre aquele que se instituiu, segundo uma proposta democrática e o outro que seguia uma vertente ditatorial, impondo suas interferências nas vivências sociais no solo chileno.

A obra remonta desde seu título a representação da noite, de uma escuridão. Retratando os simbolismos de tal aspecto remetem acerca das limitações da visão e dos mistérios trazidos com o lado noturno, que pode vir a ocultar, negar, confundir. A ausência da luz para muitos pode simbolizar o perigo, propenso a ataques e possíveis inseguranças.

E assim como as demais metáforas apresentadas ao longo da obra, acaba-se por inaugurar novos sentidos, proporcionando múltiplas interpretações, saindo de uma

perspectiva simplista, onde a noite ultrapassa as esferas e desígnios de uma parte do dia e ganha novas atribuições diante do momento vivenciado.

Paralelo a tais aspectos, a noite se fez associada a um dos elementos principais dos regimes ditatoriais: a imposição do toque de recolher. O sonhar com o raiar de um novo dia, um dia de liberdade, com um novo canto era um dos maiores desejos daqueles que viveram anos subjugados pela força do regime.

Neste contexto, para garantir a manutenção de uma ordem social foram pensados e instrumentalizados mecanismos e organismos de contenção que trabalharam em uma vertente nacional, conforme interesses dos sistemas ditatoriais que ao longo dos anos se articularam coletivamente, cooperando entre si.

Com isso, a escolha da obra *Noturno do Chile* em paralelo a esse trabalho se fundamenta com ênfase ao seu desfecho, que se encerra com a participação dos informantes das organizações de controle, infiltrados em grupos de intelectuais contrários ao regime, assim como por sua aproximação com a realidade vivida durante o período da ditadura Pinochet.

Ao que se refere aos momentos vividos no Chile de Pinochet, sabe-se que as rodas de conversas<sup>2</sup> que funcionaram como mecanismos de socialização, reproduziram conceitos, ideias que visaram superar os regimes ditatoriais ao longo da América Latina, foram altamente reprimidas por toques de recolher, como é trazido em destaque pelo personagem central da obra, Sebastian Urritia Lacroix, em *Noturno do Chile*:

Onde os intelectuais, os artistas, podiam se reunir, se às dez da noite tudo fechava e a noite, como todo mundo sabe, é o momento propício para a reunião, para as confidências e para o diálogo entre iguais? Os artistas, os escritores. Que época. (BOLAÑO 2000, p.97)

Apesar de suas fundamentações que giram em torno do fictício, busca-se continuamente aprimorar as releituras que foram feitas com a obra de Bolaño, associando a eventos e fatos históricos, os quais serão expostos ao longo desse trabalho.

Percebeu-se ainda acerca da necessidade de reavaliação de discursos que historicamente se demonstraram excludentes e segregacionistas, sejam por fatores ideológicos, socioeconômicos, políticos ou culturais, o qual essa análise visou contribuir para a elaboração de novos olhares sobre os momentos históricos. A leitura da obra de Roberto Bolaño foi feita com a intenção de romper com as fronteiras literárias e

---

<sup>2</sup> Bolaño. *Noturno do Chile*. 2000, pg.97.

problematizar cenários reproduzidos dentro dos regimes ditatoriais que traziam em suas margens o terror social, bem como discursos que pautavam o ódio.

Em busca do resgate de evidências, assim como de novos referenciais que fundamentem essa pesquisa, o descortinar dos regimes ditatoriais pode se tornar amplo e complexo em seus relatos. Entender como a elaboração de uma rede que atuou como suporte de garantia de uma ideologia econômica e política se fez presente durante anos nos países latino-americanos, fomentando a organização de controle social aos dissidentes dos regimes ditatoriais instaurados em tais países requer um trabalho minucioso e específico.

Nesse caso, esta análise propõe trazer novos mecanismos de observação sobre os regimes ditatoriais que abateram a América Latina, principalmente no que se refere ao Chile, objeto de estudo direto ao qual se destinou esta pesquisa. Mais do que nunca se torna importante romper com a desinformação em relação aos regimes ditatoriais que foi e é propagada, deixando um intenso nevoeiro ao longo das décadas. Pretende-se ainda, rever fatores que levaram aos silenciamentos de vozes e quais os instrumentos foram utilizados para isso.

É necessário estabelecer percepções sobre as estratégias de como se ocuparam esquinas e demais espaços, com o intuito de conter subversivos que lutavam para derrubar as ditaduras instaladas. Também é essencial saber não só o que se tornou evidente, mas também tudo aquilo que ficou nas entrelinhas. Analisar uma obra literária que em si traz um enredo fictício possibilita ir ao encontro com uma realidade possível, visto que se vivia em um momento de extremos, em que se buscavam contenções ideológicas em sistema de organização e controle. Entender suas engrenagens, assim como seus tentáculos é vital para não deixar que elementos como privações a liberdades e repressões a dissidentes se repitam.

A instrumentalização do terror e a instituição de uma ordem se fazem como uma das marcas principais dos sistemas ditatoriais, no entanto, ainda há muitos elementos que se encontram ocultos, habitando apenas o imaginário social e nas mentes daqueles que viveram aquela realidade.

Há de se perceber também, que a construção e alimentação desses sistemas ditatoriais dependeram do acordo entre vários personagens, os quais concordavam ou ao menos aceitavam as ordens de seu representante, como é o caso do General Pinochet, encabeçando a ditadura chilena durante anos.

A representação do personagem Jimmy Thompson ao longo da obra, por exemplo, ganha importância ao passo que é percebido que as repressões só funcionaram partindo dos vários informantes que se destinaram a contribuir para um “sucesso” da empreitada ditatorial. Dentro dessa lógica, a obra nos faz refletir sobre quantos sujeitos similares à Thompson e Maria Canales atuaram naquele momento.

A obra por si só traz uma riqueza de dados e relatos que se assemelham a testemunhos e aliadas às contextualizações tornam-se ainda mais expressivas. As bases comparativas entre Brasil e Chile em suas ditaduras aqui apresentadas, ainda que superficialmente abrem margens para futuras pesquisas com fundamentação nas instrumentalizações de aparelhos ideológicos que se levantaram em ambos países.

O discurso dos ditadores e fomentadores de tais ditaduras promoveu profundas radicalizações nos processos de controle, estabelecendo novas noções e mudanças de conceitos, resultando em reflexos nas transformações político-sociais, com as limitações impostas.

Os dados que aqui se fazem destacados sobre os sombrios anos da ditadura alarmam sobre como se estruturou um estado de exceção que exterminou uma grande quantidade de civis nos mais diversos países latino-americanos durante anos. No caso do Chile com seu parlamento fechado e sua democracia encerrada em prol de um novo projeto político imposto por Pinochet e seus aliados, uma parcela da sociedade que se demonstrava contrária aos preceitos e interesses do regime era ameaçada continuamente.

A suspensão de direitos políticos e civis e do Estado de direito se fez como um dos mecanismos que impôs restrições aos cidadãos que vivenciaram os regimes ditatoriais, limitando o direito às manifestações e a liberdade de opinião e expressão.

Em suma, essas medidas trouxeram prejuízos consideráveis ao passo que classificou e categorizou indivíduos como subversivos e dissidentes, expondo esses às perseguições e torturas, como é apresentado em *Noturno do Chile*.

É importante ressaltar desde já que a realidade à qual Chile, assim como os demais países da América Latina que estiveram regidos por um sistema ditatorial, não se deu de modo apático. Buscavam-se através de reuniões e discussões demonstrar o interesse por mudanças na situação a qual esses países estariam submetidos ao longo do período.

Com isso, a atuação de jovens estudantes, intelectuais, músicos, trabalhadores e sindicalistas, demonstravam as inúmeras origens dos bravos que enfrentaram a própria morte por um ideal em comum que seria trazer libertação das correntes da ditadura.

Por meio da leitura bibliográfica e documental se têm relatos sobre o que se passou em regimes ditatoriais e muitas vezes através daquilo que é observado nos é trazido certa dificuldade em mensurar acerca das dores em perdas de amigos e familiares condenados por aqueles pela ditadura por fazerem parte dos grupos que iam contra as privações de liberdade de expressão e ao direito de ir e vir.

Haverá certos episódios que ficarão eternamente desconhecidos por inúmeros motivos, os quais seriam, entre eles, os dados apagados por organizações ligadas aos regimes. Porém, evitar que as ruas se façam um cenário de guerra constante ou um contínuo toque de recolher é algo que a História deve trabalhar para que um passado como esse não venha a se repetir. .

Como alvo da problematização dessa pesquisa se fez a necessidade de reconhecer as interferências dos regimes ditatoriais diante da realidade social e política e como esses vieram a alterar os meios de comunicação por meio da imposição de censuras às instituições de relevância social, como é o caso da Igreja, classificando-a muitas vezes com uma postura subversiva, dependendo de suas atuações e os reflexos de seus discursos.

Ao transpassar relatos e dados com o uso de jornais, revistas e outras fontes foram feitos através deles, o uso de novos meios com o intuito de angariar novos sentidos, como é o caso do diálogo com outras análises e fundamentações de áreas de conhecimento.

Assim, no caso dessa pesquisa, através da interdisciplinaridade entre História e Literatura, foi proposto um diálogo com o universo da representação trabalhado por Roger Chartier e Stuart Hall.

Através do estudo aqui levantado em consonância com os acontecimentos do século XX, observou-se como tal período esteve diante de uma postura extremista. Foi possível também reconhecer acerca dos sentimentos universais e como muitas vezes a dor, o sofrimento, a separação, a repressão, foram apenas algumas das partículas de uma imensidão dentro de uma estrutura capaz de organizar e conter cidadãos, se fazendo quase que onipresentes no intuito de fomentar essa organização.

Ao se fazerem representados em obras como *Noturno do Chile*, os sentimentos foram colocados em evidência mostrando possibilidades de diálogo com uma realidade,

participando ao leitor sobre testemunhos que conferem a dor que um regime ditatorial pode impor a uma sociedade. Para isso, Márcio Seligman-Silva esclarece em seu artigo *Literatura do trauma*:

Aquele que testemunha se relaciona de um modo excepcional com a linguagem: ele desfaz os lacres da linguagem que tentavam encobrir o “indizível” que a sustenta. A linguagem é antes de mais nada o traço – substituto nunca perfeito e satisfatório – de uma falta, de uma ausência. (SELIGMAN, 1999)

Perpassando por essas noções se pode principiar a imaginar que a realidade pode ganhar novos sentidos e dados, segundo argumentos que se faziam distanciados de tal esfera do campo de estudo. A literatura, por exemplo, associada a uma carga de ficção e fantasia ao passo que vai sendo reanalisada pode atribuir significância aos momentos de profunda repressão que foram vividos, como é o caso das ditaduras que foram impostas na América Latina.

Como exemplo comparativo, com base em pesquisas em documentações encontradas no Arquivo Público do Estado do Maranhão – APEM, é perceptível que a produção literária foi apenas uma das preocupações do regime ditatorial no Brasil. Notou-se, particularmente no acervo em observância as documentações que constam da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Foram feitos levantamentos das medidas que se acentuaram em torno daqueles que se mostraram como subversivos no período ditatorial.

Através da documentação do Arquivo do DOPS e da obra do Bolaño, estreitou-se de laços entre literatura e história e buscou-se deixar fluir uma reflexão sobre os regimes ditatoriais, no Brasil e no Chile, abordando tempos e conceitos, percebendo seus espaços de ação, constatando suas convergências de significados, visto que há inúmeras similaridades entre eles, mas também observando o que se fez ambíguo.

Vislumbrou-se ainda dentro da construção das percepções relacionadas à ditadura, o alcance do estabelecimento de uma correlação através das similaridades e convergências que se impõem pelos objetivos políticos, seja no Chile ou no Brasil, os quais elevaram ao controle dos atores sociais, além de como a violência poderia ter sido um elemento de articulação diante de tais margens.

Na primeira seção dessa pesquisa foram levantados referenciais que dialogassem com a proposta de neutralização das ameaças, instrumentalizadas através de mecanismos do poder estatal com o uso do terror social dos regimes ditatoriais latino-americanos, levantando perspectivas acerca da atuação das patrulhas de

carabineiros no Chile, com a análise dos infiltrados e dos informantes em *Noturno do Chile*.

Em uma segunda seção foi projetada as articulações entre os países que integraram a Operação Condor na busca de entender como fronteiras nacionais podem ser rompidas na construção de um sistema de informações no intuito de conter o surgimento de dissidentes do regime e de pessoas que pudessem promover as temidas “agitações sociais”.

Na terceira e última seção foram feitas análises de uma das temáticas paralelas ao livro *Noturno do Chile*, que é a participação da Igreja em relação ao regime ditatorial, com o fim de entender como a instituição se impôs acerca das demandas trazidas pelo Estado no período. Para tanto, foram feitas correlações entre ditadura militar brasileira e a ditadura chilena de Pinochet, primando por similaridades pontuais, como se deu no caso da busca pela aprovação de uma reforma agrária no intuito de romper com as injustiças sociais, assim como a perseguição aos padres e bispos por conta de suas ideologias.

No decorrer da seção foram apresentados ainda, anexos apresentando documentações encontradas no Arquivo Público do Estado do Maranhão, fundamentando questões relacionadas e estabelecendo as relações entre as realidades vividas entre Chile e Brasil.

Nessa seção se deu destaque ainda ao referencial bibliográfico, a obra do historiador Paulo Cesar Gomes com *Os bispos católicos e a ditadura militar brasileira: A visão da espionagem*, por meio do qual se deu ênfase à como a Igreja atuou durante o período ditatorial no Brasil, com o fim de romper com as torturas e medidas excludentes por ele impostos à sociedade.

Para a construção dessas seções se fizeram em destaque obras de Hannah Arendt, como os livros *Sobre a violência* e *Origens do Totalitarismo* com o fim de fundamentar algumas argumentações no tocante ao uso das violências dentro dos processos ditatoriais; do autor Pierre Bourdieu, com sua obra *Poder Simbólico*, onde se abordará a relação do poder e representação política, e a obra *Futuro Passado* de Reinhart Koselleck que discute a influências dos conceitos no tempo e espaço.

## 2 O TEMPO E OS CONCEITOS DIANTE DO CAMPO DA REPRESENTAÇÃO

Para iniciar as percepções que serão apresentadas nesse tópico, necessita-se do devido destaque ao termo e ao que se designa a representação. Segundo o teórico cultural e sociólogo Stuart Hall em seu livro *Cultura e representação*<sup>3</sup>, a representação ganha importância ao passo que serve como uma espécie de conector do sentido e da linguagem ao universo cultural.

O processo de construção dos significados passa por esse terreno, por meio dos símbolos e signos. A representação nasce no intuito de retratar, simbolizando uma descrição ou atribuição.

Para tanto, é importante dedicar-se análises prévias que nos elevem a outras ramificações da representação, como conceitos, por exemplo, assim como a noção de tempo, onde ambos serão trabalhados ainda nesse tópico.

Concentrando-se nas perspectivas associadas aos símbolos há de se perceber suas intencionalidades e se o mesmo passa por uma construção, abordando sua visão positiva ou negativa do conceito. Um símbolo pode apenas ser um símbolo, porém, dependendo do contexto à qual se faz inserido ele pode demonstrar um conceito correspondente àquele grupo. Para isso, tal símbolo, além de expor significados, ele deve ser reconhecido pelo mesmo.

Através da linguagem ele visa exprimir a complexidade das coisas e das situações. Com a reprodução conceitual transmitida pela representação, conectando os simbolismos à linguagem podem ser observadas suas similaridades e divergências, segundo uma classificação que a padroniza por entre o grupo a qual pertence.

É por meio disso que será discorrido ao longo desse trabalho, o conceito de tempo, violência, ditadura, poder, entre outros, com o fim de perceber suas interferências no mundo social e como esse se faz reproduzido.

Dando sequência a isso, através das abordagens aqui trazidas também há de se ressaltar um dado vital para a construção desse trabalho: o tempo. A importância das análises das estruturas temporais e como essas se comportam a partir dos conceitos que foram construídos ao longo do processo toma corpo ao passo que se vê as rupturas, convergências e permanências do mesmo, diante da sociedade.

---

<sup>3</sup> HALL, Stuart. *Cultura e representação*, 2016.

Para isso, o historiador José Carlos Reis explora em *O tempo histórico como “representação”*<sup>4</sup> as noções de que:

O tempo aparece sob o signo do paradoxo, ser e não ser, nascer e morrer, aparecer e desaparecer, criação e destruição, fixidez e mobilidade, estabilidade e mudança, devir e eternidade. Sob o signo da contradição, do ser e do nada, o tempo parece inapreensível. Ele é descrito de modo contraditório: a pior e a melhor das coisas, fonte de criação, da verdade e da vida e portador da destruição, do esquecimento e da morte. Ele engendra e inova e faz perecer e arruína. (REIS, 2012, pg. 25)

Às noções de tempo podem se associar a capacidade de criação e recriação de dados históricos, ao conjugar ícones e líderes e também formulando relações de poder dentro do meio. Através dele também instituições, como o Estado e a Igreja, por exemplo, ganham corpo e significância diante da realidade social demonstrando um nascimento de uma organização social.

Os jogos de representação vão sendo construídos ao seu decorrer, pontuando conceitos diversos, que, dependendo da lógica pode ser conservado ou extirpado. Alguns desses conceitos se tornam tabus, outros ganham funções e até muitas vezes ganham demandas de uma luta.

Através deles são possíveis as compreensões das estratégias dos modelos sociais, dos jogos políticos, bem como de suas forças que se articulam através de discursos conceituais. Entender entrelinhas e metáforas também se faz como fundamental para a realização de tais designações.

As descobertas das estruturas de significados e de representação podem trazer vertentes paradoxais em seu bojo, mas também uma resposta singular ao grupo que se faz pertencente, onde o mesmo pode elevar sua defesa contínua. Para tanto, o historiador alemão Reinhart Koselleck em *Futuro Passado* afirma sobre a história dos conceitos que:

Cada palavra, mesmo cada substantivo, comprova as suas possibilidades linguísticas para além do fenômeno particular que ela caracteriza e/ou denomina em certo momento. Isso vale igualmente para os conceitos históricos, ainda que sirvam, em primeiro momento, para unir conceitualmente, em sua singularidade, experiências complexas. Uma vez cunhado, um conceito passa a conter em si, do ponto de vista exclusivamente linguístico, a possibilidade de ser empregado de maneira generalizante, de construir tipos ou permitir ângulos de vista para a comparação. (KOSELLECK, 2006, pg. 115)

---

<sup>4</sup>Reis, José Carlos. *Teoria e História: o tempo histórico, história do pensamento histórico ocidental e pensamento brasileiro*. Pg.25, 2012.

Com base na análise de tal argumentação trazida por Koselleck verifica-se a proposta generalizante do conceito, que implica não somente em uma necessidade de tempo, mas também em uma sistematização em prol da legitimação desse conceito, a qual seja capaz de induzir a uma resposta.

Dentro dessas margens, o conceito dentro do tempo pode trazer convergências e divergências<sup>5</sup> que devem ser percebidas por quem as analisa, propondo reflexões não somente sobre experiências, mas também sobre fenômenos semânticos que atribuíram significados aos diversos elementos históricos e essencialmente ao jogo político.

Ao passo que se formulou tais percepções puderam ser apresentados termos como o comunismo, utilizado formalmente e informalmente como elemento de ameaça à ordem social e prejuízos à democracia pelos representantes dos regimes ditatoriais. Observou-se no período aqui estudado, através das fontes e leituras de referenciais para a construção dessa pesquisa que o conceito ganha muito além de uma fundamentação negativa, mas um elemento que deveria ser erradicado da realidade do país. Outro termo carregado de margens simbólicas é o conceito de ditadura:

Assim também a “ditadura” penetrou nas determinações temporais reflexivas, que, partindo do “tempo em si” ativo e da “história em si”, e passando pelo “progresso” e pelo “desenvolvimento”, incluíram numerosos outros conceitos. A ditadura que engendra a si própria também logo sua legitimação histórica. Nessa expressão está condensada a dimensão político- pragmática do conceito, que a “ditadura” compartilha tanto com os mencionados “ismos” quanto com a “revolução” ou a “emancipação”. Os conceitos visam o processo temporalmente irreversível, que impõe ao agente a responsabilidade, ao mesmo tempo que dela o libera, pois a autogeração está incluída no futuro a que se quer chegar. Com isto, os conceitos adquirem sua força impulsiva diacrônica, de que se nutrem tanto os que falam quanto seus interlocutores. (KOSELLECK, 2006, pg. 299)

Nesse âmbito, as fundamentações de sentido associados aos termos ultrapassam os níveis linguísticos e estruturam ideologias, elevando espaços de comunicação que visam disseminar seus preceitos.

Uma ditadura, por exemplo, obedece em si a uma organização, levantada com base em conceitos próprios, obedecendo a uma lógica de dominação. Seu discurso trabalha por ganhar um caráter majoritário no cenário social, restringindo pensamentos e comportamentos, na missão de estabelecer controles e modificações conforme o surgimento das necessidades.

O alcance político de seu discurso se faz como uma prioridade, atribuindo às suas teorias e atitudes, o que se associaria ao nível do que seria o correto. Implantando

---

<sup>5</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*, 2006. Pg. 117.

continuas distinções que os fazem como o melhor para a nação, os representantes de um regime ditatorial ganham espaço com base em argumentos que convençam a sociedade de sua importância para a mesma.

Mais uma vez o destaque aos conceitos e estruturas linguísticas, que apresentam seus significados quase que nas entrelinhas, onde muito deles alegam e afirmam um objetivo político, que, paralelo a isso se fazem a construção dos fatos e também daquilo que se caracterizaria como inverídico, segundo a perspectiva do regime.

Percebem-se ao longo dessas leituras diversas referentes às ditaduras, análises da interferência no cotidiano e na cultura, gerando repressões aos que fossem desmascarados pelo regime como subversivos.

Os princípios moralistas que são trazidos no bojo do discurso do regime refutam toda e qualquer divergência de concepção, no intuito de garantir a Segurança Nacional.

Assim, fomentando que tais perspectivas ganhassem corpo e evidência, foram levantados nomes de diversas instituições vinculadas, como o caso da já apresentada acima DOPS, e o Serviço Nacional de Informações, o SNI. Esses se fazem apenas como os principais a ganharem destaque neste trabalho, no entanto, o aparelho estatal repressivo atingia todas as esferas, sendo composto por uma imensa rede que produziu assim terror social, onde muitas vezes não se sabia de onde o mesmo viria.

Desta forma, as próximas seções se destinaram a problematizar a estruturação dos mecanismos ditatoriais, percebendo como esses aparelhos atuaram no patrulhamento e dessa segurança nacional segundo os paradigmas do regime, estabelecendo um diálogo com a obra *Noturno do Chile*.

### 3 VIGILÂNCIA E SEGURANÇA NACIONAL: O PAPEL DOS INFORMANTES EM NOTURNO DO CHILE

O escritor chileno Roberto Bolaño nos traz através de sua obra trabalhada nesta pesquisa, uma reflexão sobre os episódios da vida do personagem padre e crítico literário Sebastian Urritia Lacroix, fazendo com que o leitor de *Noturno do Chile* a veja como uma confissão à beira da morte, carregada de arrependimentos. Conforme aparece na obra:

É preciso ser responsável. Eu disse isso a vida inteira. Você tem obrigação moral de ser responsável por seus atos e também por suas palavras, inclusive por seus silêncios, sim, por seus silêncios, por que os silêncios também ascendem ao céu e Deus os ouve, e só Deus os compreende e os julga, de modo que muito cuidado com os silêncios. Sou o responsável por tudo. Meus silêncios são imaculados. É bom que fique claro. É bom que fique claro. Mas acima de tudo que fique claro a Deus. O resto é prescindível. Deus não. (BOLAÑO, 2000, pg. 9)

Dentro desse trecho muito marcante logo no início do livro é possível se deparar com um homem que tenta lidar com suas culpas internas, mas também alguém que sugere conselhos dos mais diversos seja pelos arrependimentos, do que fora feito devido suas omissões ou por reflexões do que poderia ter sido diferente em suas resultantes.

Citado continuamente ao longo do livro a metáfora de um “jovem envelhecido”, nos sugere aspectos de uma consciência que anseia por reflexão, assim como por um acerto de contas com as ações de um passado. O autor trabalha essa obra de maneira clara e específica, sem muito romantizá-la, aproximando ao máximo de uma realidade ao qual o Chile teria vivido em um momento político assolado por repressões diversas dentro de um regime ditatorial.

Em o *Poder Simbólico*, o sociólogo francês Pierre Bourdieu nos traz a seguinte concepção:

A razão e a razão de ser de uma instituição (ou de uma medida administrativa) e dos seus efeitos sociais não está na vontade de um indivíduo ou de um grupo, mas sim no campo de forças antagonistas ou complementares no qual, em função dos interesses associados às diferentes posições e dos habitus dos seus ocupantes, se geram as vontades e no qual se define e se redefine continuamente, na luta – e através da luta – a realidade das instituições e dos seus efeitos sociais, previstos e imprevistos (BORDIEU, 2006, pg. 81)

Percebeu-se as resultantes das forças de um grupo em função de seus interesses aos quais estão sendo empregados em efetivá-los, como é o caso do General Pinochet, apresentado pelo romance de Bolaño como um homem que teria se dedicado a aprender

sobre marxismo para melhor entender seu “inimigo”. Com base nisso, certos elementos se conjugam e são usados como ferramentas políticas, como é o caso de um discurso bem fundamentado e um conhecimento estratégico de seus oponentes.

Segundo Bourdieu, os grupos dominantes ao visar à modelação do mundo social e político de acordo com a perspectiva de seus interesses acabam se mobilizando com a proposta de alimentar a produção de uma unidade real ou uma crença nessa dita unidade<sup>6</sup>. Com isso, a produção de uma identidade que se faça legítima, que funcione como um argumento que promova uma representação dentro de uma sociedade contribui para que realidades sejam mantidas ou transformadas e que tais estruturas simbólicas venham a reger a uma ordem.

Analisar tal obra literária traz uma dosagem de surpresas, com o desenrolar da história, bem como por seu final, assim como fica proposto a intencionalidade do autor em fazer entender o quanto se faz nocivo a perda das liberdades diante de um regime ditatorial.

No entanto, a leitura de *Noturno do Chile* nos sugere uma riqueza de temas dos quais podem ser explorados em trabalhos futuros. Partindo disso, o presente tópico desta pesquisa faz menção ao destaque da ação do sistema ditatorial em conter os grupos que visavam reunir-se para discutir a instrumentalização de um rompimento das correntes que os oprimiam.

A ideia de que os comunistas seriam diferentes dos cidadãos comuns e similares aos tão temidos subversivos, que se apresentavam contrários aos planos que convinhavam para a sua nação, segundo os planos do governo ditatorial, se tornavam alarmantes ao passo que se destacavam e ganhavam novos adeptos.

Como é possível imaginar inúmeras foram as formas de contenção conduzidas pelo Governo e por suas identidades vinculadas. Aprisionamentos, torturas, silenciamentos, desaparecimentos. Vimos até aqui, através dessa pesquisa, as atuações gerais do sistema ditatorial. Em sequência disso, se busca entender o processo de atuação da DINA<sup>7</sup> e dos demais mecanismos que usavam do sadismo e da opressão física e ideológica, tentando enfatizar através de *Noturno do Chile* como os informantes da ditadura poderiam agir no intuito de conter subversivos.

---

<sup>6</sup> BOURDIEU, Pierre. Poder Simbólico, 2006.

<sup>7</sup> Dirección de Inteligencia Nacional (1973-1977)

### 3.1 O interesse no controle e na manutenção de uma lógica

O historiador Clécio Ferreira Mendes cita em seu artigo *Ideologia e Poder: a DINA e a repressão na ditadura do General Augusto Pinochet* sobre a necessidade de um aprofundamento em relação às percepções das consequências dos regimes autoritários, dentro do contexto daquele país, problematizando, visto que, costumeiramente categorizamos ditaduras como as mais violentas, àquelas as quais teriam maior número de mortos ou motivados por maior durabilidade, o que nem sempre cabe como justificativa.

É importante ressaltar as realidades distintas, mas também perceber particularidades, elementos estratégicos que resultaram em violências nas mais diversas escalas. A abrangência dos recursos que tornavam eficazes as atuações de organismos que visavam conter os subversivos, assim como “salvar” o mundo do comunismo.

Analisando momentos diversificados da história é possível observar que o campo político pode agir diretamente em um campo de limitação, visto que esse pode vir a estabelecer censuras de certos elementos e evidenciar tudo aquilo que se torna desejável à manutenção de seu poderio.

Sobre isso, Bourdieu analisa tal aspecto como “A intenção política se constitui na relação com um estado de jogo político e, mais precisamente do universo das técnicas de ação e de expressão que ele oferece em dado momento”. (BOURDIEU, 2006, pg. 165)

Partindo de afirmação de Bourdieu é perceptível que certos elementos no jogo político conjugam elementos cruciais para suas realizações internas. Paralelo a isso, a institucionalização de grupos adequados segundo um empenho que visa corrigir para produzir modelos sociais contidos por uma lógica é trabalhada por Michel Foucault.

No caso do Chile, a materialização de um instrumento de coerção foi feita com a DINA. Dentro dessa perspectiva de estudo sobre o papel da vigilância como imposição podem ser retiradas as concepções do Panoptismo trabalhadas por Foucault em seu *Vigiar e Punir*.

...contra um mal extraordinário, o poder se levanta, torna-se em toda parte presente e visível; inventa novas engrenagens, compartimenta, imobiliza, quadricula, constrói por algum tempo o que é ao mesmo tempo a contracidade e a sociedade perfeita; impõe um funcionamento ideal, mas que no fim das contas reduz, como o mal que combate, ao dualismo simples vida-morte: o que se mexe traz a morte, e mata-se o que se mexe. (FOUCAULT, 1987, pg. 169)

Como cita o próprio Foucault, o Panóptico funcionaria como um laboratório do poder, onde através de órgãos que dialogavam com os interesses de uma ditadura estabelecida, visava-se impor o controle necessário.

Com o intuito de promover um discurso que busca evitar uma ameaça à ordem e a honra da pátria a qual se faz pertencente, o anticomunismo foi ganhando espaços diversos, inclusive as Igrejas. Partindo disso, se faz necessário entender a projeção de um discurso ideológico, assim como sua influência dentro de um imaginário social.

Em correspondência a outro momento histórico e suas posturas relacionadas, a historiadora Eliana de Freitas Dutra, mostra no livro *O Ardil Totalitário imaginário político no Brasil anos 30*, no capítulo *O Exorcismo do Mal*, diversas percepções sobre a construção de uma perspectiva de um inimigo, trazendo luz à argumentos relacionados ao bem e o mal, a ligação com argumentos cristãos, assim como metáforas médicas que trazem um seu bojo a configuração para estabelecer locais ao imaginário social. Através da fundamentação dos conflitos, bem como de opositores de determinadas lógicas, faz-se uso de imagem e representações para nomeá-los.

Dentro dessa margem constroem-se discursos capazes de manipular a opinião pública e realocar atores em uma posição de “mocinhos e vilões”. Compreender tais esferas de disseminação pode estar diretamente associado com aspectos culturais, sociais e políticos de uma nação. A valoração de determinado elemento contribui para sua legitimação e busca contínua por manutenção quando se adequa a lógica a qual se destina. Nessa lógica se constrói as perspectivas do que seria o inimigo, por Dutra:

O inimigo é, pois, o comunista a serviço de uma ideologia “de fora”, o credo russo, é o invasor que rouba com violência (rapina) e tudo destrói (vândalo). Por isso mesmo é expressão do mal e do ódio. Saques, pilhagens, rapina são representações-chave do imaginário da guerra, expressão máxima do confronto com o inimigo externo. Sem elas, a figuração do inimigo fica incompleta. (DUTRA, 1997, pg. 40)

Como parte da construção desse discurso, Dutra segue argumentando também sobre as metáforas associadas à medicina e ao corpo, como no trecho a seguir:

...termos como vírus, germes, miasmas, fermento (microrganismos), foco, contágio, contaminação, infecção, incubação, inoculação, saneamento, desintoxicação, prevenção, terapêutica, intervenção cirúrgica e organismo político pontuam e saturam a rede metafórica anticomunista, desvelando uma concepção da realidade social: a orgânica. Essa concepção é que dá sentido às metáforas médicas e biológicas, às analogias entre comunismo e doença, às imagens que expressam a unificação do organismo. (DUTRA, 1997, pg.45)

Por intermédio desta perspectiva observa-se a preocupação com o corpo social e acima de tudo, mantê-lo saudável. Conviver de modo harmonioso e unificado,

combatendo os “inimigos da pátria” era um fator continuamente propagado pelos anticomunistas.

Assim, o discurso comunista que vinha “de fora” além de ser qualificado como um inimigo comum da nação, também era visto como uma espécie de enfermidade que contaminava continuamente com a intenção de espalhar-se.

No entanto, já ao que referem aos anos de intensas repressões e contenções sociais, os regimes militares, em destaque ao que foi instalado no Brasil se embasaram em concepções divergentes daquela apresentada em um governo varguista. Com campanhas políticas que se voltam ao ideal de “*Ame-o ou deixe-o*” trabalhou-se por um contínuo combate aos ditos subversivos, segundo o regime, sugerindo que não haveria espaços para aqueles que se fizessem incomodados por suas posturas.

Percebe-se assim que ao longo dos anos, os controles se atenuaram e caminharam para novos sentidos, repaginando-se. O investimento do poder e sobre as formas de entendê-lo, penetram o corpo social provocando interferências e consequências diretas. Saindo dessa perspectiva, o poder pode transpassar a figuração de uma metáfora e tornar-se real, através da sua personificação e materialização de organismos de imposições da ordem.

Para tanto, Michel Foucault trabalha tal questão em *Microfísica do Poder*, apontando que a fundamentação do corpo social não se realiza por um consenso, mas sim por uma possível materialidade desse poder. Dentro dessas margens se encontram então as influências de uma personificação do poder, que ganha sentido por intermédio de seus representantes, em discursos inflamados de persuasão na busca de legitimação, organizando e impondo regras.

No entanto, é visto ainda em *Microfísica do Poder* que esse enraizamento do poder depende das articulações, como observa o autor:

Pois se o poder só tivesse a função, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalçamento, à maneira de um grande superego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é por que produz efeitos positivos no nível do desejo – como se começa a conhecer – e também no nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz. Se foi possível constituir um saber sobre o corpo, foi através de um conjunto de disciplinas militares e escolares. Foi a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico. (FOUCAULT, 2012, pg. 238, 239)

Foucault por intermédio de suas análises observa sobre a dependência de todo um regimento que torna essa estrutura de poder convidativa para uma parte da sociedade, tornando-a como alvo do desejo, visto que o poder desperta tais anseios.

Obvio citar que nem todos se demonstravam favoráveis a um sistema ditatorial devido às privações em inúmeros direitos, como ir e vir e à expressão, além de haver contradições dentro das organizações. No caso do Chile, as divergências poderiam ser apresentadas quanto a como seriam executadas, como é o caso dos “arquitetos” (aqueles que visam estabelecer uma reforma política) e dos “exterminadores” (os que promoviam matanças dos dissidentes do regime de Pinochet), apontados pelo professor Pablo Policzer em seu artigo *A Polícia e a Política de Informações durante o Governo Pinochet*.

No entanto, as políticas e instrumentos estabelecidos pelo governo trabalhavam incessantemente para evitar penetrações das concepções comunistas. Conter subversivos afastando-os do convívio social naquele instante se fazia extremamente importante, segundo a visão dos representantes de sistemas ditatoriais.

A preocupação com a situação política e com as limitações trazidas pela ditadura motivou inúmeros intelectuais a se reunirem para discutir ideias e rever as posições do regime, tentando acordar a população acometida por repressões e lutar por seus direitos. Como se sabe, músicas, poesias, livros, foram utilizados como instrumentos que potencializavam o convite a sociedade a enfrentar tal sistema. No entanto, a repressão a tais grupos se deu de forma cruel, condenando tantos à morte ou ao exílio, apartando de sua vida familiar e da convivência com amigos. Para isso, Bolaño dá continuidade à ideia:

Mas a história, a verdadeira história, só eu conheço. Ela é simples, cruel e verdadeira, e deveria nos fazer rir, deveria nos matar de rir. Mas nós sabemos chorar, a única coisa que fazemos com convicção é chorar. Havia o toque de recolher. Os restaurantes, os bares, fechavam cedo. As pessoas se recolhiam em horas prudentes. Não havia muitos lugares onde os escritores e os artistas pudessem se reunir para beber e conversar quanto quisessem. Essa é a verdade. (BOLAÑO, 2000. pg. 98)

Carregada de mistérios e de questionamentos, o enredo de *Noturno do Chile* se faz em vários momentos como uma provocação, propondo uma reflexão sobre os espaços de socialização de intelectuais (ou dos tantos pseudointelectuais como são julgados alguns indivíduos pelo narrador Sebastian Urritia Lacroix) e a forma que esses poderiam se demonstrar como ameaças a esses indivíduos. Assim:

Os artistas riam, bebiam, dançavam, enquanto lá fora, naquelas zonas de grandes avenidas despovoadas de Santiago, transcorria o toque de recolher. Eu não bebia, eu não dançava, apenas sorria beatificamente. E pensava. Pensava que era curioso que nunca aparecesse uma patrulha dos carabineiros ou da polícia militar, apesar do burburinho e das luzes das casas. Pensava em

Maria Canales que então já tinha ganho um prêmio com um conto um tanto medíocre. Pensava em Jimmy Thompson, o marido, que às vezes se ausentava por várias semanas, meses até. (BOLAÑO, 2000, pg. 106)

O decorrer da história faz perceber sobre a participação de uma personagem que se faz próxima e amigável, sugerindo o caráter misterioso de Maria Canales e de seu esposo ausente Jimmy Thompson. Sugerindo sobre a arquitetura dos grupos vinculados ao regime ditatorial, os personagens citados acima se apresentam inicialmente de uma maneira despreziosa, porém ganham posturas decisivas por sua atuação direta ao desfecho de *Noturno do Chile*:

Depois chegou a democracia, o momento em que todos os chilenos deviam se reconciliar entre si, e então se ficou sabendo que Jimmy Thompson havia sido um dos principais agentes da DINA e que usava sua casa como centro de interrogatórios. Os subversivos passavam pelos porões de Jimmy, onde eles os interrogava, extraía deles toda a informação possível, depois os mandava para o centro de detenção. (BOLAÑO, 2000, pg. 111)

Neste trecho, Bolaño nos demonstra sobre o quanto uma ditadura pode influenciar e dissolver as relações de uma sociedade, o quanto o terror instituído torna conturbado a troca de ideias e o quanto poderia se tornar perigoso se envolver com pessoas, até as que de certo modo poderia ser visto de modo inofensivo. A confiança no outro, tornou-se abalada, assim como os vínculos. Pensar em como agir, em como unir-se com pessoas para elaborar estratégias para derrubar o sistema ditatorial surgia em determinados momentos como uma ameaça à sua própria vida por um ideal.

Jimmy e Maria Canales se fizeram como personagens de uma história fictícia, que tiveram reflexos reais na vida de inúmeras pessoas que foram condenadas pelas ditaduras que se espalharam pela América Latina. Os métodos para descobrir dissidentes do regime ditatorial podem ir bem mais longe do que se fazem nossas suposições. Situações como essa nos fazem refletir até onde podem ir os homens na luta por ideal, independentemente se é esse é positivo ou negativo e o quanto o planejamento pode se fazer extenso.

### **3.2 Antes de Pinochet: o governo Allende e suas mudanças no Chile**

Entrando para a história como o primeiro presidente socialista eleito nas urnas, Salvador Allende<sup>8</sup> apresenta um longo histórico na política chilena. Com o fim de

---

<sup>8</sup> Nascido em Valparaíso, no Chile, segundo relatos biográficos encontrados, desde jovem Allende demonstrava intensos amores pela política. Formado em medicina também se consagrou como um dos

projetar um Chile que caminha “rumo ao socialismo”, ele alavancou novas estratégias para consolidá-lo.

Considerado por muitos como o período de revolução no Chile, o governo Allende proporcionou profundas mudanças tendo como proposta pôr o fim à uma desigualdade trazida desde sua colonização.

Em um giro nas abordagens trabalhadas na obra de Bolaño engloba-se a questão da reforma agrária, uma das mais polêmicas no período e que garantiu reflexos nos países da América Latina, principalmente em observância ao Brasil e ao Chile.

Aqui é preciso assinalar as interferências de Salvador Allende na realidade chilena, primando pela asseguaração de maior igualdade social e através de tais argumentos, compreender a dinâmica existente entre os acontecimentos por entre ideologias e instituições políticas.

A reforma agrária vista no período principalmente pelos grupos de orientação esquerdista como um dos fatores que viriam a mitigar as injustiças históricas e desigualdades sociais que marcaram significativamente suas populações, dando ênfase aquelas vistas como menos favorecidas.

Sendo discorrida de modo breve, mas consistente em *Noturno do Chile*, Bolaño apresenta através da correlação da amizade de Urritia Lacroix com Farewell, grande proprietário de terras que foi afetado diretamente pelas medidas de Salvador Allende com a expropriação das terras em prol dos camponeses.

Pontualmente através de seu romance, observa-se que a narração não se dissocia do real, estabelecendo denúncias e testemunhos correlacionados aos momentos vividos pelos chilenos. Com o propósito de elaborar um acerto de contas com o passado, jogando luz aos fatos, reflete-se sobre os processos políticos, efeitos de transição e os efeitos de suas ações.

Peter Winn avalia em seu livro que a revolução atingiu suas propostas variando de sujeito para sujeito, sendo que essas variações se davam de acordo com o sexo, idade, ideologias, etc.

Em um momento de profundas mudanças no mundo, marcado por discussões, a revolução trazida por Allende tinha o fim de fazer nascer um “Novo Chile”, pautado nessa consciência revolucionária<sup>9</sup>.

---

fundadores do Partido Socialista Chileno. Após várias derrotas em candidaturas realizadas, ele é eleito presidente do Chile em 3 de novembro de 1970.

<sup>9</sup> Winn, Peter. *Revolução Chilena*, 2010.

A revolução de Allende garantiu a representação dos direitos de uma minoria, principalmente aos camponeses ligados às cooperativas da reforma agrária. Para a realização de tal projeto tais assentados deveriam se articular em planejamentos juntos aos especialistas do governo<sup>10</sup> para atingir melhores resultados em tal proposta.

Aos poucos, os sinais do progresso político se demonstravam mais enfáticos, transcendendo os limites que se impuseram historicamente ao Chile, os quais privaram a população das riquezas do território, bem como de usufruir das terras, colocando grande parte da população em condição de miséria. Ao passo que se expropriaram as terras para se estabelecer a reforma agrária houve conquistas diversas em busca de uma sociedade mais justa, muito embora com reflexos de conservadorismos em questões de gênero<sup>11</sup>.

Em outra via, há um marco no encorajamento das massas à produzirem cultura e não apenas se limitarem a serem consumidoras, como foi proposto pela União Popular, durante o governo de Allende.

Era um momento de construção de novos idealismos, de rompimento de barreiras, o autor do livro *Revolução chilena* segue apresentando as significativas mudanças que ocorreram no solo chileno durante o período:

Em meados de 1972, o latifúndio que havia dominado o Chile rural desde o período colonial e que servira de base para a elite chilena durante a maior parte da história do país não existia mais. O relacionamento simbiótico entre a revolução vinda de cima e revolução vinda de baixo<sup>12</sup> havia transformado a zona rural chilena. (WINN, 2010, p. 100)

Apesar de um curto período em sua gestão até o surgimento do movimento estabelecido pelos generais e pelas Forças Armadas, Salvador Allende implantou no cenário chileno inovações que marcaram uma geração e que trouxeram novos sonhos a ela. No entanto, a contrarrevolução surge de forma rápida e devastadora, dando início ao golpe à democracia chilena e tornando-o uma das primeiras vítimas da ditadura Pinochet, tendo se suicidado para não conferir a legitimidade ao regime.

### **3.3 O 11 de setembro chileno**

Em um período marcado por profundas polarizações, o governo Allende proporcionou conquistas populares que desagradaram grande parte dos setores

---

<sup>10</sup> Idem, pg.112.

<sup>11</sup> Winn pontua em seu livro que os homens administravam as questões por serem vistos como chefes da família.

<sup>12</sup> O autor classifica os movimentos de revolução, um vindo de cima, ligado ao governo e outro de origens das organizações populares, ambos oferecendo mudanças políticas e sociais aos chilenos.

conservadores da sociedade chilena. Nesse caso, formataram-se canais de discussão que visavam ampliar tais mudanças e em outro lado, um segmento que visava conter aquilo que estava sendo construído por Salvador Allende.

No Chile, Augusto Pinochet, influenciado pelas perspectivas de necessidade em “salvar o país das garras de um comunismo” que se alastrava rapidamente pelo continente americano impôs um golpe à democracia chilena, alegando libertá-la.

Ao liderar a contrarrevolução e gerar o golpe contra Allende, o General Pinochet programou uma das mais violentas ditaduras que se instalaram no solo latino-americano.

Nomeado pelo próprio Allende ao cargo de comandante do Exército chileno, Pinochet se articulou estrategicamente com o fim de depor o presidente em exercício. Para tanto, usou sua longa experiência e programou bombardeios e ataques no país em conjunto com os demais militares que se encontravam insatisfeitos com a crise a qual o Chile estava submetido.

Inicialmente, os Estados Unidos apoiaram a instituição do regime, a partir do princípio de que as fundamentações de grupos conservadores iriam contribuir no afastar do fantasma do comunismo da América.

Em relato a respeito do dia 11 de setembro de 1973, vivido no Chile, Peter Winn demarca sobre os momentos de terror vivenciados durante o golpe instaurado por Pinochet, iniciado pelo ataque ao simbólico Palácio La Moneda, em Santiago:

Quando os tanques chegaram pouco antes das 10 horas e assumiram suas posições nos cantos das ruas, com suas torres apontadas no sentido contrário a La Moneda no que parecia uma defesa do palácio presidencial, a multidão aplaudiu. Então, lentamente as torres giraram e apontaram para o palácio presidencial. A multidão susteve a respiração. Pouco depois das 10, a esquina tornou-se uma zona de guerra, quando os tanques começaram a disparar seus canhões em direção a La Moneda e a Juventude Socialista, colocada em torno dos prédios respondeu com pequenas armas de fogo. A batalha por Santiago havia começado. Seria um combate desigual, cujo resultado desde o início estava claro. Mas a corajosa, embora suicida, defesa do palácio presidencial contra todas as chances transformaria Allende de presidente socialista democrático em revolucionário e mártir republicano e conduziria sua revolução chilena a um mítico e trágico fim. (WINN, 2010, pg. 178, 179)

Sobre os ataques à democracia chilena, Winn argumenta ainda em seu livro *Revolução Chilena* sobre os momentos seguintes ao golpe:

...essa ilusão desapareceu na própria noite do golpe, quando os quatro líderes das Forças Armadas, que compreendiam a nova junta do governo, falaram à nação pela televisão. Eles não somente justificaram seu golpe como tendo salvo o país do comunismo, mas definiram sua tarefa como “extirpar o câncer

comunista” da política e reverter os cinquenta anos anteriores da história chilena – o que significava reverter não apenas a revolução a revolução socialista de Allende, mas também as reformas da Aliança para o Progressos dos democratas-cristãos, o Estado de bem-estar social da Frente Popular, e, até mesmo a introdução da política democrática de massa de Arturo Alessandri. No dia seguinte suspenderam a Constituição chilena, fecharam o Congresso, baniram todos os partidos de esquerda e suspenderam até os partidos de centro e da direita, que haviam apoiado o golpe. Foi estabelecida uma censura rígida da imprensa e dos meios de comunicação e foram proibidas as eleições de qualquer tipo em qualquer instituição, até mesmo em clubes esportivos de adolescentes, assim como reuniões de mais de três pessoas sem permissão da polícia. Foi declarado o estado de sítio e determinado um rígido toque de recolher. O Chile, a democracia modelo da região, famosa por suas diferentes visões políticas e liberdade de expressão e de imprensa, da noite para o dia tornou-se uma ditadura militar e um Estado policial. (WINN, 2010, pg. 182)

Se estendendo por pouco mais de dezesseis anos no Chile, a ditadura Pinochet torna-se uma figuração representativa de um governo autoritário, demarcando-se por sua intensa violência e repressão aos cidadãos chilenos.

Por intermédio dos paralelos com a literatura de Bolaño, que se fizeram trabalhados nessa pesquisa, apresentam-se através do diálogo entre realidade e ficção, as vítimas que foram executadas e torturadas, essencialmente intelectuais e opositores do regime, inclusive com o próprio autor do romance. Com base em tais percepções, Winn segue em seu livro:

Suas vítimas incluíram famosos e anônimos. Incluíram presidentes, como Salvador Allende e Eduardo Frei; ministros do governo, como José Toha e Orlando Letelier; generais, como Alberto Bachelet e Carlos Prats; e artistas e intelectuais, como o famoso autor das canções Victor Jara e o prêmio Nobel Pablo Neruda. As vítimas não foram apenas esquerdistas como Allende, mas também democratas-cristãos que apoiaram o golpe, como Frei e também o vice-presidente Bernardo Leighton e o principal líder sindical, Tucapel Jimenes. Masa maior parte das vítimas do Estado de terror de Pinochet foram jovens desconhecidos – trabalhadores, camponeses e moradores – que ousaram resistir à ditadura ou foram considerados capazes de organizar uma resistência ao governo. (WINN, 2010, pg. 182, 183)

Assim, saindo do eixo da ficção que fora trabalhada por Bolaño em seu livro, é facilmente observável uma realidade que não se fez diferente. O aparelho estatal articulado no intuito de assegurar as contenções das produções de opositores se fez intensa, porém a resistência não deixou de ser representativa, fomentando ações contra o regime.

Bem além dos nomes conhecidos, a violência da repressão se ateve em trabalhar por seu objetivo maior: estabelecer uma ordem segundo sua lógica própria. A caça aos possíveis subversivos foi generalizada. Muitos findaram suas vidas em

câmaras de torturas estruturadas pelo regime tentando reverter às situações às quais seus países estavam submetidos.

Seja no Brasil ou no Chile, a resistência política visava romper com as desinformações produzidas pela imprensa coagida pelo estado ditatorial, que maquiavam dados de uma desigualdade social e também das violências e desaparecimentos dos dissidentes.

A busca pelo exílio foi usada como estratégia de diversos segmentos sociais ao fugir de tais limitações de liberdades de expressão. O Chile como abordado acima, nas citações de Winn foi visto durante certo período como uma referência democrática na América Latina, antes da tomada do poder pelo general Pinochet.

Contudo, as interferências na realidade democrática chilena tornou conturbada a vivência daqueles que se deslocaram até o país em busca de proteção. No decorrer dos anos, a ditadura chilena foi agravada com novas instrumentalizações e diálogos entre os demais regimes, como foi o caso da Operação Condor, que será trabalhado no próximo tópico.

Marcados pelo sangue de muitos inocentes que primavam por seus anseios às suas liberdades de expressão, os regimes ditatoriais se fizeram legítimos segundo um critério de garantir uma democracia que se fazia ameaçada. As punições aos dissidentes que variavam de acordo com os crimes, idades, sexo e grau de periculosidade de tais indivíduos para a ordem social, foram aperfeiçoadas conforme o passar dos anos do regime e de suas articulações, como será explicado a seguir.

#### 4 OPERAÇÃO CONDOR E O SIMBOLISMO DO FALCÃO EM NOTURNO DO CHILE

O falcão se demonstra bem representativo dentro da obra. Simbolizando a superioridade, tal ave além de forte possui uma visão que se faz longínqua, transcendente. Entretanto, visualizando tais fundamentações, dentro da obra esse animal ganha significado paradoxal que vai se evidenciando ao passo que se dá um contexto de sua representação ao estar sendo usada com o fim de exterminar pombos (símbolos do espírito santo e pureza) que deterioravam as estruturas das catedrais e outros espaços públicos.

Sobre isso, o romance de Roberto Bolaño apresenta em de seus relatos, a visita à cidade italiana de Pistóia, onde se observa:

...em Pistóia não era a poluição ambiental o maior agente destruidor dos grandes monumentos românticos ou góticos, mas a poluição animal, mais concretamente as cagadas das pombas, cuja população, em Pistóia como em muitas outras cidades e povoados europeus, tinha se multiplicado geometricamente. Para acabar com aquilo havia uma solução infalível, arma em etapa experimental que ele me mostrou no dia seguinte. (BOLAÑO, 2000, pg. 66)

E prossegue:

...quando chegamos ao campanário, padre Pietro assobiou e agitou os braços, e a sombra do céu desceu do campanário e pousou na luva que o italiano usava na mão esquerda, e então, sem que ninguém me explicasse, entendi que a ave escura que sobrevoava a igreja de Santa Maria da Dor Perpétua era um falcão, que padre Pietro tinha se tornado um mestre na falcoaria e que aquele era o recurso empregado na erradicação de pombas na velha igreja, depois olhei, daquelas alturas, a escada que conduzia ao átrio e à praça de lajotas junto da igreja, de cor magenta e, apesar de ter olhado bem, não vi uma só pomba. (BOLAÑO, 2000, pg. 67)

Visualizando tal aspecto, analisa-se a necessidade de manter uma ordem, de conter deteriorações estruturais de algo valoroso socialmente ou indo até para outras linhas, como é o caso das moralidades e o intuito de mantê-las continuamente afirmadas e sólidas. Observando tal nuance pode se fazer relação com o que ocorria com as organizações vinculadas à ditadura, onde através de seus mecanismos de inteligência, muitas vezes usavam a força para conter aquilo que fugissem à lógica devida.

No entanto, suas atribuições se expandem ao passo que se percebe um dado. A aliança firmada entre os países do Cone Sul que vieram a compor as ditaduras latino-americanas denominada de *Operação Condor*<sup>13</sup>, visando perseguir aqueles que se

---

<sup>13</sup>Ação coordenada dos sistemas de inteligências das ditaduras militares, visando trocar informações com o fim de reprimir dissidentes do regime.

levantavam contra as ordens que foram instituídas pelos regimes é prova que a intolerância aos subversivos expandiu-se, indo além das fronteiras nacionais.

O condor, outra simbólica ave que assim como falcão é lembrada por sua força e astúcia no voo, articula-se de modo breve na captura de suas presas, assim como a operação elaborada visava também exterminar tais indivíduos que se mostravam dissidentes. Assim, de modo simbólico, o nome de tal operação ganha margens metafóricas partindo do seu nome de batismo.

Refletir e problematizar sobre as intenções da operação que promoveu desaparecimentos, torturas e obrigou o exílio dos ameaçados é uma das preocupações dos estudiosos de regimes ditatoriais.

O extermínio dos adversários políticos visava condicionar o silenciamento de homens e mulheres que lutavam por direitos básicos, como o de ir e vir, assim como o de expressar-se, além de escolher seus representantes.

Tendo o apoio dos Estados Unidos em sua fundamentação e atuação, com suporte financeiro e de inteligência nacional, a elaboração dos planos tomou uma proposta letal para aqueles que se desviam do padrão.

Havia ainda a guinada esquerdista que representou de certo modo, uma ameaça aos interesses do grupo anticomunista, não sendo bem vista nem pelos Estados Unidos e pelo restante dos países que compunham o bloco capitalista<sup>14</sup>. (BORRALHO, 2017, p.118)

A rede de informação que foi sistematicamente construída atendia aos interesses de seus representantes, em países como Argentina, Bolívia, Uruguai, Brasil, Paraguai e principalmente no tocante ao General Augusto Pinochet, no Chile.

No Chile, o processo de levantamento do suporte da operação desemboca em vários outros assuntos paralelos. A criação de órgãos capazes de conter as produções de matrizes diversas, assim como operar como sistema de vigilância demonstra-se como um dos pontos que foram muito bem articulados nessa teia.

Com isso, dentro dessa linguagem simbólica, sugere-se o fato de que assim como a pomba, símbolo sagrado e correlacionado ao espírito santo, estava deixando de ser protegida segundo o atendimento a uma lógica e sendo banida pelos falcões em prol da higienização dos espaços públicos, mantendo limpos e asseados, evitando sua deterioração, a Operação Condor também alimentou um sistema que deixava os

---

<sup>14</sup> BORRALHO, Henrique. *Versura*, 2017.

cidadãos desprotegidos à medida que surgia a possibilidade de esses gerarem um desconforto a uma ordem social, desregulando-a, havendo assim, a necessidade em promover readequações ou ainda de extermínios.

#### **4.1 Mecanismo de vigilância pela manutenção de uma ordem**

Roberto Bolaño sugere em *Noturno do Chile* em certos momentos um enredo que transpassa por uma realidade vivenciada durante os períodos de maior acentuação de contenções trazidos com os regimes ditatoriais e autoritários.

Repensar as estruturas sociais como estratégias de manutenção no poder e asseguarção de uma ordem foi algo complexamente articulado por organizações associadas diretamente ao governo que se fazia.

Entender seus tentáculos é algo que vai muito além da percepção superficial. É preciso analisar a participação não só dos agentes internos, mas também aqueles que se voltam ao externo, principalmente visando garantir interesses econômicos e políticos.

O interesse em manter-se em destaque, mostrando-se a frente de uma lógica, planejando sua supremacia e seu reconhecimento, comunicando e otimizando seus resultados através de regras é algo que é recorrente na história. Não é à toa que inúmeros países utilizaram de argumentos nacionalistas para fomentar crescimento político e social, onde só a ordem das estruturas poderia sustentar tal demanda.

A preocupação com fatores que se voltam ao social e ao político é um argumento usado continuamente. Nessa mesma via, a articulação de assuntos que se relacionam diretamente as vontades políticas é uma proposta que se volta ao centro das questões.

Tecer uma rede de compromissos coletivos que assegure um funcionamento perfeito do corpo social era uma das preocupações centrais. Entretanto, somente com a figura de um inimigo introjetado no imaginário da sociedade seria possível uma facilitação na conquista de um ideal. Assim, evitar a fragilidade e a vulnerabilidade desse corpo social deveria ser um combate de todos e por todos, proposto como um caráter unânime.

Dentro dessa perspectiva está diretamente relacionada à manutenção da lógica de ordem social se faz atribuída às percepções trazidas com o Panoptismo, em *Vigiar e Punir* de Michel Foucault.

O conceito do indivíduo panóptico se associa diretamente ao interesse de se estabelecer o enraizamento da vigilância e segurança nacional com base em toda

estrutura que se faz como um ensaio de exercício de poder. Partindo dessa atribuição, Foucault pontua que:

Daí o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele o exerce (...). (FOUCAULT, 1987, p. 166)

Com base em tais argumentos trazidos por Foucault é possível analisar que a estruturação desse mecanismo de vigilância torna-se tão internalizado com o passar do tempo, que o indivíduo se sentirá observado independente disso ou não. Haverá além desse controle social, uma imposição de locais sociais, de espaços específicos, bem como funções específicas. Esse reposicionamento dos indivíduos como vigilantes e vigiados traz em seu bojo uma esfera de poder, uma máquina de sujeição e direção.

Conicionados a assumir uma postura que assegure essa ordem social não se saberá mais quem serão os vigias e quem serão os observados, assim como ocorre em *Noturno do Chile*, com os personagens Jimmy Thompson e Maria Canales.

Através desse sistema de observação também se fazem diagnósticos, observando sintomas de cada um<sup>15</sup> e como isso pode interferir na realidade social, visto a questão da possibilidade contínua de contágio.

Nesse caso, a educação demonstra-se como um desses carros-chefes para o suporte. Ela é estratégica não só para a construção de um indivíduo, mas também para o futuro da nação, onde facilmente é percebido suas interferências nos mais diversos âmbitos. O preparo e disseminação de um discurso interferem diretamente na governabilidade de um representante também. Assim, sua popularidade e propostas ganham vivacidade dependendo de como ele se articula diante dos anseios da sociedade civil.

Dentro dessas perspectivas, há de se destacar e explorar também, a presença da Igreja e suas influências no seio social, na tentativa de solucionar impasses, bem como romper com a desigualdade social, instalada nos diversos países latino-americanos.

A Igreja com sua influência secular foi utilizada inicialmente como um canal de aproximação da sociedade, no entanto, após a observação dos diversos desmandos acometidos contra sociedade e seus direitos civis e políticos, a mesma buscou romper

---

<sup>15</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*, 1987. Pg.168.

com os grilhões que fizeram milhares de vítimas dos regimes ditatoriais, provocando contínuos embates entre os poderes, conforme será explorado na seção seguinte.

## **5 PERCEPÇÕES SOBRE RELIGIOSIDADES E DITADURA EM NOTURNO DO CHILE**

Este capítulo destina-se a trazer percepções sobre o personagem central da obra *Noturno do Chile*, o padre crítico literário, Sebastian Urritia Lacroix. Ao analisar o universo simbólico de suas atuações diante de suas viagens feitas à Europa com o intuito de promover o reconhecimento do uso da arte da falcoaria por padres no continente, o personagem traz outras margens metafóricas que dialogam mais uma vez com uma realidade possível que foi vivenciada dentro dos regimes ditatoriais latino-americanos.

Como é facilmente percebido, estudiosos do período discutem as atuações dos hierarquia católica em relação às ditaduras que se instalaram em tais países, visto que ela poderia auxiliar como um canal de resistência às torturas e injustiças que foram promovidas pelos responsáveis por tais organizações.

Importante ressaltar aqui que tais atuações não se deram de maneira homogênea, ou seja, os posicionamentos dos bispos e padres variaram de acordo com suas fundamentações ideológicas. Também é necessário pontuar aqui que não há evidências consistentes sobre a participação da Igreja Católica em um sistema ditatorial, seja no Brasil ou ainda em outros países latino-americanos, pois não havia regras que favoreciam sua adesão ou não ao que estava sendo implantado.

Dando ênfase as influências do caráter religioso dentro de um sistema ditatorial percebe-se como se estruturaram complexas séries de instrumentos capazes de unir ao aparelho estatal com o fim de legitimar seu discurso.

Sendo trabalhada de maneira direta na obra *Noturno do Chile*, o personagem central do romance, o padre Sebastian discute a respeito da proposta dos silêncios aos quais os indivíduos geralmente se envolvem, seja para se autoprotoger ou ainda para proteger os seus.

A partir do que foi trabalhado em capítulos anteriores, como o que fora trazido com as percepções acerca da representatividade das aves de rapina, como o falcão, por exemplo, tal aspecto merece esse segundo momento de destaque ao que se refere à sua associação aos elementos ligados ao lado religioso.

Entende-se que grande parte das sociedades ocidentais se embasaram historicamente por meio de fundamentações religiosas que ao longo dos séculos foram questionadas e substituídas por critérios que visaram estar o mais dissociado possível desse caráter, visando assim, uma laicidade estatal, que nem sempre é obedecida.

Apesar dos séculos de influência atribuídos à Igreja e às doutrinas diretamente a elas associadas, percebe-se que a mesma continua solidificando conceitos diante da sociedade, trazendo demandas positivas, como a solidariedade aos outros, alimentando noções de empatia ao trabalhar por uma convivência mais saudável entre indivíduos.

Percebeu-se também a busca por estar dentro das discussões de maior relevância, dando suas contribuições e percepções sobre esses conteúdos. No caso das ditaduras não se deu de modo diferente.

Iniciado por perspectivas que se associam ao terror social com a disseminação de um comunismo, necessitando da união de forças capazes de conter certas investidas ideológicas, a ditadura buscou reunir os campos de maior destaque diante da sociedade e visou fundamentar um discurso convincente sobre os riscos que a unidade sofreria se deixassem os pensamentos comunistas adentrarem ao seio da nação.

De tal modo, trabalhar em conjunto com as instâncias educacionais e promotoras da cultura nacional foi uma das principais bandeiras dos regimes, no fomento à um convite da construção de um pensamento único em favor da estruturação da sociedade desejada pelos seus representantes.

Dentro de uma visão doutrinária que participa a população da necessidade de alimentar uma soberania do Estado foram disseminados conceitos que buscavam garantir um estabelecimento da ordem pública, contendo assim os dissidentes.

Ao correlacionar com a realidade vivenciada no Brasil, por exemplo, Paulo Cesar Gomes em seu livro *Os Bispos Católicos e a ditadura militar brasileira: A visão da espionagem* pontua a respeito de alguns nomes de destaque dentro do catolicismo brasileiro, como foi o caso do dom Hélder Câmara, que atuaram diante da situação com o fim de romper com as injustiças promovidas pelo regime ditatorial que se instalou no país durante 21 anos.

Associando diretamente à obra de Bolaño com a realidade social vivida nos países latino-americanos, facilmente observa-se uma sociedade que está passando por restrições, regradas por um toque de recolher e regidos por um grupo que prima pela vivência de pessoas com preceitos adequados ao regime, reforçando assim, a convicção de que a nação está sendo dirigida ao rumo certo.

Rumo a isso estrutura-se atividades de espionagem nos mais diversos países, formatando ideologias e coordenando contensões aos subversivos. Para tais argumentações, o historiador Paulo Cesar Gomes afirma sobre as atividades de espionagem do regime militar brasileiro:

As atividades de espionagem atingiam diversos grupos da sociedade brasileira. Seus agentes viam inimigos por todos os lados e, caso não os encontrassem, inventavam-nos. Decerto alguns grupos motivaram maior produção de informações que outros, especialmente os que se evidenciavam por se pronunciar ou agir publicamente contra o poder instituído. Alguns bispos católicos, ao lado de certos advogados, jornalistas, trabalhadores, professores e estudantes, foram recorrentemente citados nos relatórios produzidos pelos órgãos de informações.<sup>16</sup> (GOMES, 2014, pg. 113)

No Brasil, o regime dispunha da concepção de que seria necessário atentar as influências dos bispos, principalmente ao que refere às famílias “menos favorecidas”.<sup>17</sup>

Além disso, Gomes também salienta a respeito de uma possível relação da Igreja com a classe estudantil, sendo essa última vista como uma das responsáveis pelas “agitações sociais”.

Em meio às acusações promovidas contra a Igreja se associa a uma possibilidade de a instituição vir a corromper os ensinamentos do evangelho com doutrinações marxistas.

Conforme documentação encontrada no acervo da DOPS, no APEM, foi possível encontrar atestados de conduta e ideologias políticas, no intuito de verificar influências ideológicas de indivíduos, estando entre eles professores e bispos, devido seu grau de participação na formação das concepções sociais. (ANEXO 1)<sup>18</sup>

Também se evidenciou a preocupação com os folhetins produzidos. Assim, Gomes comenta com relação ao folheto “Um teatro que liberta” distribuído pela Pastoral da Juventude Estudantil, que por meio dela indicava como poderia ser preparada uma peça de Teatro:

O tutorial incluía pesquisar os principais problemas da comunidade, para que se pudessem difundir no espetáculo mensagens que apresentassem as condições econômicas e sociais em que viviam; fazer relações entre as canções, como, por exemplo, “Roda Viva”, de Chico Buarque, e a realidade que vivenciavam; apresentar Jesus como um revolucionário, despertar no povo a crítica às injustiças, suscitar o seu comprometimento com a luta por melhores condições de vida (...) (GOMES, 2014, pg. 152)

<sup>16</sup> GOMES, Paulo Cesar. *Os Bispos Católicos e a ditadura militar brasileira: A visão da espionagem*. 2014.

<sup>17</sup> Idem, pg. 151.

<sup>18</sup> Atestado de conduta do Padre “Renzo Dini”. Dossiê 29, Caixa 4, Fl. 20.3.

Na mesma medida, mas em relação a conteúdos diferentes foi encontrado um folheto no APEM o “Boletim Paroquial”, do secretariado paroquial de Chapadinha, o qual conversa com seus fieis não somente a respeito da importância de amar e reconhecer seus irmãos em Cristo, mas também cuidar de sua terra, “cobrando” de seus representantes sobre suas responsabilidades pela garantia de um progresso no município e no país.

Desde sua capa o boletim já traz um impacto ao apresentar a imagem de Jesus com balões sinalizando as palavras “desenvolvimento”, “conscientização”, “vida”, “progresso”, “libertação”, “amor” e “paz”. (ANEXO 5)<sup>19</sup>

Assim, diante de tais fatos e das documentações aqui abordadas é perceptível uma postura da Igreja em uma via contrária ao que se faz almejado pelo regime, apontando suas concepções e reações às fundamentações excludentes e a série de episódios de violência realizados contra trabalhadores, estudantes e cidadãos em geral. Afirmando com relação a Igreja Católica, Gomes evidencia que:

A Igreja é uma instituição cultural com uma coerência própria que tem como uma de suas principais características a capacidade de atravessar diferentes conjunturas, instaurando novas práticas sociais em seus próprios parâmetros. Ela promove uma contínua adaptação da tradição às realidades enfrentadas sem, contudo, transformar os fatores considerados fundamentos teológicos da doutrina católica. (GOMES, 2014, pg. 24)

Partindo de tais argumentos, é possível perceber quanto à autonomia da instituição mesmo em tempos conturbados, onde a mesma busca instrumentalizar e legitimar suas forças políticas e ideológicas, assegurando assim sua representatividade diante da sociedade.

Desse mesmo modo, é facilmente perceptível que a opinião pública compreende grandes formas diante da realidade social. A ela se insere um poder de ação que pode movimentar estruturas e reformular ideologias. A ela também pode ser compreendido um fator de concessão de poder a uma instituição ou a um grupo. Dentro desse critério, Hannah Arendt coloca que:

É o apoio popular que confere às instituições de um país, e esse apoio não é mais do que a continuação do consentimento que trouxe as leis à existência. Sob condições de um governo representativo, supõe que o povo domina aqueles que o governam. Todas as instituições são manifestações e materializações do poder; elas se petrificam e decaem tão logo o poder vivo do povo deixa de sustenta-las. (ARENDR, 2010, pg.57)

---

<sup>19</sup> Boletim do Secretariado Paroquial de Chapadinha de 10 de abril de 1980.

Conforme pontuado no trecho, argumenta-se sobre a força de uma decisão popular, a qual pode atuar na efetivação ou extirpação de determinadas ordens e lógicas. Arendt também segue na apresentação quanto ao poder de uma “minoría” diante da opinião pública, o que nem sempre tal significado pode ser dado como uma massa inexpressiva, pois a mesma pode atuar na modificação de resultados, bem como na destituição de um nome ou grupo.

...uma minoría pode ter um poder potencial muito maior do que se esperaria contando votos em pesquisas de opinião pública. A maioria meramente observadora, entretida com o espetáculo da gritaria entre os estudantes e o professor, já de fato aliada latente da minoría. (ARENDR, 2010, pg. 59)

O trecho acima reafirma as articulações de uma atuação popular que pode atingir figurações significativas, não apenas em um nível social, mas também em um nível político.

O reconhecimento de instituições como Igreja e Estado diante da sociedade, atribuindo-lhes uma função histórica de organização e coordenação da mesma, ganha corpo ao passo que se instrumentalizam discursos que a avaliam e significam como tal. Assim, sua importância se faz medida de acordo com classificações e contextualizações de tais instituições, refletindo o poder a qual é dada a elas.

Seguindo sobre outras perspectivas, aponta-se no livro *Por uma História Política* por Jean- Jacques Becker em um capítulo que trata acerca das percepções da influência da Opinião Pública, fazendo-nos participar também a respeito dos conceitos relacionados, atribuídos ao teórico alemão Wilhelm Bauer, a uma *Opinião Pública Estática e Opinião Pública Dinâmica*.

Segundo ele, a Opinião Pública Estática, pode se constituir como algo diretamente associado aos costumes e a tudo aquilo que se faz instituído, influenciando em quesitos como a formação moral de uma sociedade, agindo em sua estrutura, colaborando na construção de suas tradições.

Como parte disso, podemos associar algumas correlações reais com aquilo que se faz presente em uma sociedade, a respeito de como os discursos se tornam capazes de atuar no cotidiano de um povo, de um país e de uma realidade social.

Muitas vezes, tais constructos podem se apresentar como elementos que trazem em seu bojo cargas de preconceitos cruéis e excludentes.

Compreender o contexto ao qual uma ideia é reproduzida é fundamental para não estabelecer críticas infundadas, pois cair em equívocos interpretativos revelam

pretensiosos reconhecimentos de dados. Entender como foram produzidas tais ideologias, bem como seus ideais são ferramentas que podem auxiliar a chegar nesse ponto de entendimento.

Assim, dentro de um regime autoritário, é possível ser observada uma forte apropriação que se faz direcionada a ideais que podem se constituir assombrosos. Seja no Brasil ou em demais países latino-americanos, o uso da imprensa na construção de preceitos adequados a uma lógica foram uma das principais ferramentas de regimes ditatoriais.

A imprensa, como se sabe, vai muito além de um suporte informativo, a qual ganha vida a partir dos conceitos a serem propagados. Seu uso estratégico fundamenta atuações de setores, os quais podem estar mascarados ou ainda caracterizados por mensagens subliminares.

Entender o local que a imprensa se constitui é crucial para entender quais informações estão sendo digeridas por aqueles que as consomem e se essas se fazem relacionadas a critérios políticos pró ou antigovernistas.

Alimentar uma ideologia se faz como uma habilidade que muitas vezes atende ao intuito de conservá-la ou ainda aprimorá-la, visto que continuamente o jogo político precisa se adequar a uma demanda. Para isso, a estratégica boa relação com a Igreja seria vital para a realização do projeto ditatorial.

Arendt apresenta em suas concepções sobre a necessidade de um suporte ao poder que se evidencia para trazer à tona seu princípio de legitimidade.

O poder não precisa de justificação, sendo inerente á própria existência das comunidades políticas; o de que ele realmente precisa é de legitimidade. (...) O poder emerge onde quer que as pessoas se unam e ajam em concerto, mas sua legitimidade deriva mais do estar junto inicial do que de qualquer ação que então se possa seguir. A legitimidade, quando desafiada, ampara-se a si mesma em um apelo ao passado, enquanto a justificação remete a um fim que jaz no futuro. (ARENDR, 2010, pg. 69)

A percepção do fato de que o poder necessita de um suporte, como no caso é afirmado e reafirmado com o exemplo da imprensa que pode ser utilizada a favor do discurso por ela endereçado ou em uma via contrária, ao usar dos seus meios para a destituição do mesmo.

O próximo tópico traz perspectivas a respeito do poder informativo e da influência das mídias e a preocupação do estado ditatorial acerca do que estava sendo produzido nos eixos culturais e nas rodas de conversas.

## **6 PODER, VIOLÊNCIA, CENSURA E ESTADO DITATORIAL.**

Ao longo dos anos com a modernização dos mecanismos políticos, os meios de comunicação foram ganhando funções que até então poderiam ser inimagináveis. A mídia em si pode ajudar a eleger ou a derrubar um governo facilmente como em “Xeque-Mate”

Os escândalos propagados na televisão e na internet ganharam espaço nos últimos anos, elevando à mídia ainda mais a uma espécie de quarto poder e os seus canais informativos, muitas vezes, se tornam mecanismos que fomentam a criticidade e formatam a opinião pública.

Ela propaga um fenômeno complexo através de seus tentáculos informativos, onde certos elementos, dependendo da forma que são passados podem se tornar fortemente questionáveis ou glorificados, conforme o contexto e formação das concepções sociais e políticas daqueles que as consomem.

Participar da vida política e cultural se apresenta como um desafio, principalmente em locais em que o poder estatal impõe restrições na abordagem de assuntos e contextos que contradizem a lógica que almejam ou à moral do grupo.

Muitas vezes, ela pode ser coagida a abdicar de sua liberdade de expressão em regimes democráticos, indo na contramão, atuando como um canal de veiculação das campanhas do regime, impedindo que a democracia se energize e se faça de modo natural, além de oprimir redes de articulação e de facilitação do conhecimento, visto que, cantores, intelectuais, cientistas, professores, entre outros, acabam sendo altamente reprimidos por uma lógica autoritária e repressora.

Impedindo os cidadãos de seu protagonismo político – principalmente ao que se refere à escolha de seus candidatos - e a visibilidade e acesso aos seus direitos, os quais a cultura pode se fazer como um portal, garantindo a facilitação da chegada das informações, ela também pode ser vista como uma estratégia de comunicação direta com aqueles que se fizeram continuamente apagados ou marginalizados pela história, estabelecendo denúncias, seja pela ausência de políticas públicas que atendessem diretamente aquele grupo ou comunidade ou pelas privações de direitos a eles impostos.

Para tanto, apesar de suas limitações ainda sim houveram espaços que se voltavam ao engajamento social e político, que mesmo com todas as privações driblaram o controle dos regimes. Em destaque, a Igreja se reafirmou com um modelo

mais consciente, conforme é citado por Gomes<sup>20</sup> que apresenta uma proposta mais voltada ao esclarecimento e retirada de seus fieis do âmbito da marginalização.

Por meio de percepções que as ditaduras instaladas nos países latino-americanos trouxeram a censura como um dos carros-chefes do regime, foram levantados atos institucionais, bem como medidas que garantissem que essa política vigorasse conforme desejado. Privando a sociedade desse espaço de denúncia que poderia ser produzido através dos canais midiáticos, atualizando informações com dados maquiados e que só glorificavam as atuações do regime foram necessárias intervenções internacionais para que houvesse contenções das torturas as quais a sociedade estava sendo submetida.

Peter Winn apresenta em seu livro que a pressão estrangeira, principalmente ao que se refere aos Estados Unidos, foi um dos fatores que levaram os regimes chileno e brasileiro a retroagir em algumas medidas repressoras, pois havia grande preocupação com a popularidade e opinião pública de tais países, pelo fato de que isso compunha um dos atrativos para investimentos. Daí percebeu-se que seria bem mais simples conter as ondas informativas no solo de sua nação, no entanto, fora deles isso se fazia incontrolável. Complementando tal informação, o historiador Paulo Cesar Gomes diz que:

Os governos militares evitavam, de todo modo, a divulgação de notícias que denunciassem o caráter repressivo do regime, paralelamente ao esforço que faziam para tornar o Brasil “uma grande potência”. A possibilidade de o país ficar conhecido pelo autoritarismo de seu sistema político e pela prática rotineira da tortura atormentava seriamente os governantes, sobretudo a partir de 1969 (...). (GOMES, 2014, pg. 120)

Em observância que as sociedades bem como o Estado se constituem pela distribuição de grupos de poder, havendo contínuas lutas acirradas por sua dominação. Nesse sentido, ao passo que se fundamentam visões sobre a força da informação em um corpo social, percebe-se a necessidade de controlá-la.

Em sequência dessa ideia, se faz a legitimidade do ditado que diz que “informação é poder”, pois aos regimes que impuseram censuras qualifica-se os esforços em controlar o nível informativo, principalmente ao que se sugere em vertentes de oposição.

Contudo, contrariamente ao que pensa, a censura que foi introduzida no Brasil e nos demais países latino-americanos por meio da ditadura não contribuíram na

---

<sup>20</sup> GOMES, Paulo Cesar. 2014, pg. 153

formação de uma nova forma de pensar. Nesse caso, o sociólogo Ciro Marcondes Filho introduz suas concepções e diz:

A censura nos meios de comunicação, portanto jamais poderá formar uma mentalidade e compor a sociedade do jeito que pretende o grupo no poder no Estado. Os efeitos do controle da informação e da censura são sempre epidérmicos. É por isso que, como no caso brasileiro, vários anos de regime autoritário não conseguiram impor uma nova concepção de mundo nem uma nova política; uma vez iniciado o processo de “abertura” os mesmos grupos asfixiados nos anos anteriores se articulam outra vez e agora até com mais vigor contra o Estado e a sua política. Qualquer determinação de cima por uma política, uma ideologia, uma moral, acaba funcionando como castração, como violência. Formação e participação real só se constroem com a troca como a consideração efetiva dos grupos inferiores (FILHO, 1992, pg. 101)

Dentro desse contexto é proposto que apesar da fragilização das realidades democráticas e de seus suportes informativos não deixaram de haver um determinado poder de mobilização, os quais visavam trazer luz às discrepâncias e injustiças, seja em um plano social, econômico ou político.

Não à toa que foram levantadas estruturas para conter a difusão informativa da oposição, pois mesmo com toda a repressão aos conteúdos divergentes ao regime ainda sim criaram-se relações capazes de solidarizar demandas e de estabelecer comunicações entre setores dissidentes.

Com base nisso, se faz entender que um indivíduo ou nomes não faz o Estado e sim a união do corpo social<sup>21</sup>, pois o mesmo se empenha em prol de suas causas que na maioria das vezes estão associados ao fenômeno do poder.

A impossibilidade de promover interdisciplinaridade através de uma saber coletivo, onde os indivíduos pudessem trazer ao centro o debate sobre as questões ao tocante do regime e das privações, assim como novas formas de pensar e promover cidadania, trazidas com o momento de mudanças às quais o mundo estava vivendo, necessitou de uma atuação mais demarcada da sociedade.

Com as mídias silenciadas pelo aparelho estatal, poucos se faziam os mecanismos de comunicar-se, de trocar ideias e estabelecer críticas. Como já trabalhado em seções anteriores sobre o papel dos informantes em *Noturno do Chile*, trazendo à tona esse diálogo historiográfico e literário, nunca se sabia onde e quando os dissidentes do regime poderia se sentir seguros em promover tal debate. O risco era contínuo e a ameaça onipresente.

---

<sup>21</sup> FILHO, Ciro Marcondes. *Quem manipula quem? : Poder e massas na indústria da cultura e da comunicação no Brasil*. 1992, pg. 99.

Além da Igreja, todas as instituições que, de alguma forma, contestavam o governo eram tidas pela comunidade de informações como “ligadas ao esquema comunista”. Havia recomendações expressas ao SNI para que as organizações de classe “infiltradas” pela esquerda fossem mantidas sob vigilância constante. Entidades como a OAB, a ABI e a própria CNBB eram acusadas de pretender promover a “agitação social”. Também o partido de oposição era posto sob suspeição: no caso do MDB, o desafio principal estaria na ala jovem, que exercia forte pressão sobre os membros moderados e abrigaria muitos “elementos condenados pela Lei de Segurança Nacional em liberdade”. Para a comunidade de informações, o partido de oposição estava “dominado pelo Partido Comunista”, e por isso tinha virado o porta-voz de suas teses. Outro grave problema estaria nos meios de comunicação de massa, já que funcionariam, segundo os espiões, como o principal canal de expansão e sobrevivência do comunismo. Para facilitar seu combate, o SNI havia elaborado um documento que enumerava os principais temas e diretrizes utilizados pela imprensa em suas publicações (...) (GOMES, 2014, pg. 140)

Partindo dessa reflexão de Gomes atém-se ao fato de que os sistemas de inteligência se fizeram altamente articulados e multiplamente distribuídos nas mais diversas alas, decifrando as possíveis “influências do comunismo”, sejam voltando-se ao social ou ao político. Com o poder nas mãos, o regime ditatorial, seja no Chile ou no Brasil, atuou desde a análise das produções da publicidade, ao que se produzia em jornais e revistas, ao que era discursado em palanques, através de palestras e até mesmo nos cultos em igrejas.

A figuração de uma busca pelo engrandecimento do Brasil, por meio da retirada das marcas do comunismo, no intuito de evitar o expandir da subversão, trabalhando por contínuas e estratégicas manipulações da opinião pública, às quais reavaliava os dados, em virtude de que tais percepções poderiam atribuir uma visão negativa ao país.

No entanto, é preciso atentar ao fato de como os regimes atuaram para assegurar o maior apoio possível às suas concepções. Apesar de todos os mecanismos de controle informativo da imprensa nacional, haveria elementos que não poderiam se controlar, como é o caso de uma opinião estrangeira. Sob tais perspectivas, em relação à ditadura militar brasileira, Gomes, conclui que:

Há que se considerar que nenhum regime político, por mais arbitrário e ilegítimo que seja, logra-se manter apenas com o uso da força e sem manipulação dos bens simbólicos. Essa questão é fundamental para que se compreenda não apenas a ocorrência do golpe, mas também a manutenção da ditadura ao longo de mais de duas décadas. (GOMES, 2014, pg. 119)

Como se faz perceber, a experiência ditatorial exigiu de seus representantes a elaboração e adequação de todo um suporte que se fizesse convidativo a tal ideologia. Assim, um diálogo amistoso com instituições como a Igreja, sendo vista com forte influência em atuação através de sua missão civilizadora seriam vitais para a permanência e fortificação do regime se utilizada ao seu favor.

Influenciados pela conclusão de que a Igreja estava a flertar com os ideais comunistas, principalmente ao que se refere aos seus bispos, o SNI em parceria com outras instituições como a DOPS, atuaram na elaboração de dossiês acerca dos possíveis envolvimento dos mesmos com tais ideologias.

No levantamento documental feito para a construção deste trabalho foi possível observar ainda segundo fontes encontradas no acervo da DOPS, no APEM, tratando em relação à ditadura militar brasileira, documentações que pontuam as tentativas de romper com o terror social imposto pelo estado policial por meio do qual se observa também a presença de padres e bispos da CNBB. (ANEXOS 3 e 4)

Por meio de tais fontes aqui apresentadas demarcam-se assim, os esforços das organizações políticas que se voltavam à ditadura, no intuito de assegurar seu poderio, legitimando-se através do diálogo de seus canais e sistemas de informações, conter a “onda comunista” com vigilância a instituições de intensa relevância social, como no caso se dá com a Igreja.

Voltando-se mais uma vez para a questão da reforma agrária, que gira em torno de um dos problemas mais discutidos durante o regime militar, gerando conflitos de interesses e guerra de posicionamentos, os quais tencionam a tender pra um lado que beneficiam suas causas.

Em linhas gerais através de tal demanda buscava-se garantir a mitigação das causas das desigualdades sociais, abrindo portas para a esperança de um mundo melhor, cedendo espaço para uma nova possibilidade de configuração territorial, baseada em novos parâmetros, segundo uma vertente mais democratizante.

A busca pela inserção social sempre se constituiu um dos maiores desafios pra a realidade democrática, propondo sempre derrubar os quadros de exclusão e os conjuntos que a estruturam.

Para isso, seria necessária uma atuação ampla e vigorosa dos atores sociais, objetivando formas de superação de tais injustiças, visto a contínua onda de conservadorismo sinalizando a manutenção do antigo paradigma.

A Igreja - apesar de que não de uma forma homogênea - foi uma das instituições que se movimentou a respeito dessas causas sociais, ensinando por meio das escrituras sagradas e do assinalado amor ao próximo em busca do princípio da justiça. Como parte de tal argumentação, Peter Winn que aborda como a Igreja atuara no Chile:

A Igreja também trabalhou com as mulheres das poblaciones, muitas das quais haviam perdido seus homens para a repressão, ou cujos maridos haviam perdido seus empregos em virtude do tratamento de choque e da crise econômica neoliberal. Com a ajuda da Igreja, as famílias dos presos e dos desaparecidos políticos formaram organizações de direitos humanos e começaram, a pressionar por informações sobre seus entes queridos, apresentando pedidos de habeas corpus que nunca foram respondidos ou tecendo suas histórias em tapetes de parede feitos de saco de aniagem que eram ao mesmo tempo uma fonte de renda, uma terapia e uma forma de propaganda política. (WINN, 2010, pg. 197)

Em uma pretensão de incentivar uma atuação contra os episódios de violência promovidos pela ditadura Pinochet no Chile, a Igreja também atuou como suporte para a realização da missão que defendia mudanças no plano político e social, inclusive a qual seria dada pela reforma agrária.

Em observância que tal medida traz reflexos em uma proposta inclusiva diante da sociedade, atendendo não só em uma perspectiva econômica, mas também política e social, as controvérsias entre o aprovar ou não da reforma agrária sempre demonstrou o caráter polêmico, principalmente aos que se voltaram a defender os grandes proprietários de terra.

Como já pontuado em linhas anteriores, o personagem Farewell, amigo de Sebastian Urritia Lacroix, como grande proprietário de terras teve as suas expropriadas durante as reformas que foram levantadas no governo de Allende, as quais primavam por essa readequação em prol do bem estar social e superação das desigualdades. Sendo restituídas posteriormente com Pinochet, promove-se por meio da obra *Noturno do Chile*, uma reflexão do que fora vivido no solo chileno naquele período.

Caminhando para outra temática relacionada, ao refletir sobre a violência sempre se tem uma jornada extensa e complexa de se abordar, visto sua amplitude argumentativa e situacional.

As lutas pelo poder calcadas em uma ideologia, possivelmente podem elevar fenômenos de violência, dependendo do contexto, as quais podem ser de ordem verbal ou ainda por coerção física. Prova disso está à promoção dos regimes ditatoriais que colocaram as liberdades em plano de limitação, principalmente no tocante à expressar-se.

No Brasil, por exemplo, os atos institucionais impostos pelo regime ditatorial brasileiro trouxeram privações e medidas antidemocráticas, demarcando ainda mais seu caráter impopular.

Em um momento em que a violência estava sendo utilizada como mecanismo de controle social pelo regime ditatorial, através de torturas e espancamentos, havia também prisões, onde algumas delas poderiam ausentar-se de acusações formalizadas por falta de provas.

Diante de tais fatos, os atos institucionais no Brasil se colocaram como mecanismos de aprimoramento de tal violação. Assim, poderia de certo modo se observar que a instituição do regime tornou legítimo uma imposição hierarquizante que se formatava segundo um discurso de violência.

A violência se opõe à ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade, como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos. Na medida em que a ética é inseparável da figura do sujeito racional, voluntário, livre e responsável, trata-lo como se fosse desprovido de razão, vontade, liberdade e responsabilidade é trata-lo não como humano e sim como coisa (...) (CHAUI, 2011, pg. 342)

Com isso, tais circunstâncias produzem uma reflexão com relação a uma violência que foi instigada pelo aparelho estatal durante os regimes ditatoriais, gerando lucros e uma suposta proteção à nação a qual se fazia pertencente. Em outra margem, também há uma determinada contribuição da tecnologia em progresso, onde essa fomentou o uso de novos armamentos bélicos e estratégias de guerra, diante dos conflitos do século XX, os quais geraram impasses entre as superpotências tanto em uma esfera econômica quanto ideológica.

No entanto, a filósofa Hannah Arendt observa em seu livro *Sobre a violência*, em relação a tais questões que se voltam a um progresso científico, onde a autora trabalha a perspectiva de que tal progresso pode muitas vezes elevar riscos, levando assim uma sociedade à derrocada, a destruição total.

Não apenas o progresso da ciência deixou de coincidir com o progresso da humanidade (o que quer que isso signifique), mas também poderia disseminar o fim da humanidade, tanto quanto o progresso ulterior da especialização bem pode levar à destruição de tudo o que antes a tornara válida. Em outras palavras, o progresso não mais serve como o padrão por meio do qual avaliamos os processos de mudança desastrosamente rápidos que desencadeamos. (ARENDT, 2010, pg. 47)

É através de tais reflexões que Arendt versa sobre o fato de que o progresso ilimitado como uma causa maior, rompendo barreiras e refazendo demandas pode trazer consequências catastróficas.

As contínuas especializações das armas e das formas de se fazer guerra é o retrato de uma formatação da violência, onde aos poucos ela se repagina, promovendo mudanças no eixo social e político, promovendo ruptura em segmentos que possivelmente poderiam ter determinada importância no dado momento.

Essa instrumentalização eleva a uma desenfreada concorrência que se respalda em uma proteção territorial ou ainda ideológica, como pode ser dita e vista nos regimes ditatoriais. Para tanto, Bourdieu segue argumentando que:

O campo político é, pois o lugar de uma concorrência pelo poder que se faz por intermédio de uma concorrência pelos profanos ou, melhor, pelo monopólio do direito de falar e de agir em nome de uma parte ou da totalidade dos profanos. O porta-voz apropria-se não só da palavra do grupo dos profanos, quer dizer, na maioria dos casos, dos seu silêncio, mas também da força desse mesmo grupo, para cuja produção ele contribui ao prestar-lhe uma palavra reconhecida como legítima ao campo político. A força das ideias que ele propõe mede-se, não como no terreno da ciência, pelo seu valor de verdade (mesmo que elas devam uma parte de sua força à sua capacidade para convencer que ele detém a verdade), mas sim pela força de mobilização que elas encerram, quer dizer, pela força do grupo que as reconhece, nem que seja pelo silêncio ou pela ausência de desmentido e que ele pode manifestar recolhendo as suas vozes ou reunindo-as no espaço.<sup>22</sup> (BOURDIEU, pg.185)

Dentro dessa perspectiva, Bourdieu bem nos faz refletir sobre esses conflitos pontuados acima e também nos aponta acerca de um homem político que se mostra sacralizado e como ele tenta se impor através da palavra, tornando-se de certo modo um sujeito que se apresenta como forte influência, atuando como porta-voz dos anseios de um grupo. No entanto, é importante ressaltar que esse mesmo homem sacralizado por uma postura de representação política também toma um quesito de vulnerabilidade, visto que se torna um ser público e passível de grande destaque.

Aliado a tal argumento, a preocupação em criar uma opinião pública favorável é apenas um dos pontos cruciais da manutenção de um nome em posição de destaque no cenário político. Dentro dos regimes ditatoriais, apesar das limitações impostas pelas censuras, a opinião pública ainda interferia diretamente nas estruturas do regime, o que elevava à tomada de medidas que poderiam surtir efeitos populares, atendendo as demandas solicitadas, ou agindo ainda de modo a serem impopulares.

---

<sup>22</sup> BOURDIEU, Pierre. *Poder Simbólico*, 2012.

Com isso, o reconhecimento dentro do campo político pode garantir o apoio dentro do jogo. Correspondendo a uma expressão de um mundo social, as técnicas utilizadas podem favorecer ou não à uma sociedade em potencial.

Assim, as monopolizações conceituais que limitam o espaço de discussões e a pluralidade de julgamentos tornam o universo político reduzido à um programa e a um ideal. Em uma via contrária, ao passo que as percepções vão sendo instrumentalizadas e ganham corpo, rompem-se fronteiras que impunham limites e privações.

Segmentando ainda os pensamentos de Bourdieu sobre o poder simbólico, o autor demonstra ainda que essa força transformadora produz novas visões de mundo com base em produtos ideológicos que produzem sistemas de classificação política de demandas diversificadas<sup>23</sup>.

A construção dos universos simbólicos podem trazer produtos que se refazem em estruturas de pensamento, reproduzindo ordens e conceitos capazes de movimentar toda uma sociedade.

A produção de conceitos é algo que ganhou uma ênfase no período em que se levantaram os regimes ditatoriais em destaque nesse trabalho, visto o conceito de mal e as metáforas médicas que atribuíam saúde ao corpo social, como já trazido em capítulos anteriores pela historiadora Eliane Dutra.

Esses conceitos estão intrínsecos aos seus gerenciadores que buscam fazer com que o grupo venha a digerir e propagar tais informações.

Sabendo que o poder simbólico se apresenta como um poder de construção da realidade<sup>24</sup>, como versa Bourdieu, esse tem a influência em atuar nas linguagens, nas produções científicas e no reconhecimento de um indivíduo diante do campo político, dando significado a sua presença.

Aos indivíduos que fogem a esse padrão, esse mesmo sistema que se articula em produzir figuras de destaque e forte representatividade no campo político, também pode quadricular indivíduos, classificando-os ao parâmetro do inadequado, ao qual deve se extinguir ou desvinculá-lo da realidade social. Com isso, o autor de *O Poder Simbólico* nos traz que:

As ideologias, por oposição ao mito, produto coletivo e coletivamente apropriado servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo. A cultura dominante para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação

---

<sup>23</sup> Idem.

<sup>24</sup> Idem, pg. 9, 2012.

imediate entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes), para a integração fictícia da sociedade e do seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções. Esse efeito ideológico, produz a cultura dominante, dissimulando a função da divisão na função de comunicação: a cultura une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante. (BOURDIEU, 2012, pg. 11)

Analisando tal citação de Bourdieu é possível perceber a face da importância da cultura em um eixo social e político, onde a mesma pode ser um elemento de distinção e classificação de sujeitos, unindo-os em um ideal, ou separando-os por designação.

Através da apreensão conceitual que materializa em seu bojo atribuições à coisas e indivíduos, as quais são transmitidas, comportando associações, podem ao longo dos tempos, necessitar de novos elementos para futuras classificações como cita Koselleck:

A emergência de novas palavras na língua, seu emprego cada vez mais frequente e as modificações de sentido que lhes são atribuídas pela opinião dominante, em uma palavra, aquilo que se poderia caracterizar como sendo linguagem da moda, são um importante ponteiro no relógio do tempo, que não deve ser negligenciado por aqueles que, partindo de fenômenos aparentemente insignificantes, procuram tirar conclusões sobre as mudanças no conteúdo da vida. (WILHELM SCHULZ, 1841 APUD KOSELLECK, 2006, pg. 267)

Dialogando com as percepções trabalhadas por Reinhart Koselleck em seu livro *Futuro Passado*, se tem as visões da importância dos atos de linguagem com o fim de movimentar os acontecimentos históricos, os quais esses se apresentam de forma decisiva na reprodução de uma história passada<sup>25</sup>.

Aos comunistas e subversivos, por exemplo, que foram rejeitados por seus preceitos que combatiam os regimes ditatoriais, esses se faziam como seres que deveriam ser desintegrados dos ambientes vistos como saudáveis.

De tal modo, as designações conceituais, podem, conseqüentemente promover inclusões ou exclusões de indivíduos em decorrência de seus comportamentos e ideologias. Avaliando as atuações dos conceitos dentro do âmbito político, materializam-se estratégias que visam promover uma organização social capaz de atender a lógica vigente.

---

<sup>25</sup> Koselleck. Reinhart. *Futuro Passado*, 2006, pg. 267.

A aquisição e remodelação dos conceitos se fizeram assim como filhos do momento, adequando-se conforme o que se faz almejado pela cultura que está dominante ou pela ideologia do representante político em vigor.

Mais uma vez se faz necessário constatar sobre a necessidade das reflexões não só da linguagem histórica, mas do que se faz paralelo a ela, através da contribuição de novos olhares que a releem como suporte de testemunho de uma vivência, como se faz aqui, com as associações entre literatura e história.

Através deste trabalho também se demonstrou a importância em discorrer sobre a complexidade da história chilena, em aspectos que se voltam a revolução e a contrarrevolução, marcados pela presença de Allende e Pinochet, respectivamente.

Ao notar seus legados e relevâncias em seus governos, ambos demarcam fases específicas de um Chile. Em um momento em que pagar com a vida pela liberdade de sua nação era o sinônimo do heroísmo, muitos homens e mulheres lutaram por uma sociedade mais justa e igualitária. Muitos nomes ficaram marcados apenas na mente de seus familiares, outros ganharam capítulos nos livros de história ou matérias em jornais.

Instrumentalizando meios de denúncia, inúmeros escritores utilizaram seus trabalhos como canais de demonstração sobre o que estava acontecendo em seus países no período, estando entre eles Júlio Cortázar, na Argentina e Roberto Bolaño, no Chile.

Participando-nos de suas cartas testemunhos acerca dos tristes relatos de uma realidade vivida nos regimes ditatoriais, esses autores nos fazem viajar ao longo de seus paralelos históricos, atravessando por suas metáforas que ganham profundas margens analíticas.

A busca pela verdade que foi suprimida por décadas é um dos elementos que trouxeram à tona novas perspectivas não só no ambiente acadêmico, mas também nas rodas de conversas. Discutir acerca de um passado que foi manipulado e censurado nos traz profundos questionamentos com relação as verdades oficiais e documentadas.

Assim, a análise desses dados segundo uma perspectiva mais crítica ganha relevância ao passo que se percebem os avanços de uma sociedade rumo às intolerâncias.

Evitar que o passado violento e o estado de terror imposto pelos regimes ditatoriais voltem ao curso da história é uma preocupação de muitos estudiosos do período, assim como da maior parte da sociedade.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do decorrer da minha graduação, inúmeras questões políticas sofreram reformulações, algumas das quais jamais se supunham que poderiam ocorrer. Entre o impasse do ocorrido no ano de 2014, que resultou no impeachment da então presidente do Brasil, Dilma Rousseff, discutindo se haveria ou não culpa pelo crime de responsabilidade fiscal, assim como as tantas polarizações que se demarcaram, elevaram a uma necessidade maior de diálogo da sociedade com a realidade política.

O desenvolvimento dessa pesquisa que resultou nesse trabalho de conclusão de curso foi muito significativo para o amadurecimento de minhas concepções políticas, visto a complexidade do momento vivido, pois me empreendia a necessidade de avaliar raízes e causas históricas, avaliando possíveis resultantes. A preocupação em atentar aos teóricos que trabalham com questões que se voltam à temáticas que envolvem o poder, a violência, ditaduras e totalitarismos, opinião pública, entre outras, foram amadurecidas ao longo das discussões no grupo de estudos Polifonia, no qual fazemos esses paralelos, trabalhando através dessa perspectiva interdisciplinar dos campos do conhecimento.

A aproximação aos conteúdos que se voltam aos fatos históricos que colocaram as democracias latino-americanas em risco foi um dos fatores decisivos para tudo isso. O reconhecimento prévio dos acontecimentos, com o intuito de apontar suas rupturas e continuidades foi crucial pra conceituar aspectos específicos e similares entre os países que vivenciaram as ditaduras na localidade.

Os conceitos aqui selecionados e trabalhados foram pensados com o fim de perceber como os mesmos podem influenciar na formação da história das mentalidades, ao passo que enfatizam dados, proporcionando experiências que contribuem para mudanças ou permanências em acordo com o contexto ao qual se faz inserido. Observar como as resultantes levaram a modificação do rumo da história, interferindo diretamente nas conjunturas e estruturas sociais, com um olhar no passado, dialogou-se com a literatura através de uma proposta interdisciplinar deste trabalho trazendo perspectivas sobre a multiplicidade das interferências dos eixos políticos diante da sociedade, percebendo que suas atuações ultrapassam até mesmo as fronteiras nacionais.

Com base em análises no passado também foi possível trazer possíveis percepções com relação à uma história presente, principalmente em relação às possíveis ameaças à realidade democrática.

O estabelecimento do diálogo da obra literária *Noturno do Chile* com os teóricos aqui apresentados reformularam em novos termos aquilo que se poderia ser relacionado com uma realidade vivida diariamente pela sociedade brasileira e chilena, assim como os demais países que vivenciaram os regimes ditatoriais, visto que os muros sociais, as privações de liberdades e opressões ao que se fazia dissidente eram facilmente observadas.

Foi possível reconhecer também algumas similaridades entre posturas de organização do regime ditatorial, as quais traziam convergências e divergências, porém apresentavam o mesmo fim que era a contenção dos subversivos, submetendo-os às ordens.

Roberto Bolaño através de *Noturno do Chile* propõe novas visões sobre as intervenções de um Estado ditatorial sobre suas vítimas. Tal obra traz em si uma reflexão sobre conjunturas, onde, apesar de ser construída dentro de uma vertente literária cheia de metáforas e de alguns poucos personagens e componentes fictícios, nos faz mergulhar em seu enredo.

Se mostrando como um convite ao diálogo interior e a reflexão, um ponto importante de tal obra foi o destaque ao fato de carregarmos nossas parcelas de culpa, seja sobre nossas palavras ou nossos silenciamentos principalmente diante de uma realidade pavorosa.

A experiência de sua leitura nos faz viajar diante dos enigmas de seu enredo. Possibilitando novas interpretações aos eventos históricos e abrindo os porões da ditadura se faz um reconhecimento de aspectos que até então permaneceram encobertos pelo manto da ignorância e da incredulidade.

Interligando realidade e ficção em suas propostas, a leitura de Roberto Bolaño se demonstra bem representativa, e como já dito em sua apresentação, do próprio livro aqui trabalhado, sua construção vai muito além de uma denúncia política. Através de tais reflexões se propõe tentar romper com a incompatibilidade dentro da realidade democrática, pois como se observa tais estruturas se fazem continuamente ameaçadas pelo espectro da intolerância e dos inúmeros desserviços informativos prestados.

É um de um todo lamentável como se dão as constantes ameaças às democracias e as soberanias nacionais, fortemente influenciada por interesses de um mercado voraz ou de uma ideologia excludente. Como já mencionado em linhas anteriores, a importância de rememorar o passado se promove como um exercício de reflexão. Pensar sobre os reais significados de uma ditadura, a respeito das

sobreposições de poder, revisando bibliografias e documentos, assim como, procurando novas fontes torna-se de extrema importância para esclarecer um passado obscuro e silenciado. Passá-los adiante como forma de conhecimento se faz essencial.

O objetivo maior dessa pesquisa é libertar através do conhecimento de um contexto que aprisionou e agrediu em diversos países. A ditadura foi uma realidade, mas ainda se mantém como um fantasma que ronda através de discursos que chegam ligeiramente despretensiosos e aos poucos rasgam os princípios de liberdade, mascarados por argumentos negociados por grupos que almejam de algum modo usar o poder político como arma.

O proveito político de um grupo não pode falar mais alto. O divergir de opiniões, a liberdade de se expressar e a pluralidade de ideias deve ser um dos pilares da sociedade e o mais importante é observar que a vitória de hoje não acaba com a luta, pois esta deve ser diária, em busca da consolidação da democracia.

Para além das diversidades partidárias e ideológicas, a força da lei deve ser favorável ao bem-estar social, trabalhando para e por isso, evitando produção de estigmas e a implementação de regras que venham a ferir o coletivo.

Conforme ao conteúdo que foi exposto em linhas anteriores, visou-se através de um debate interdisciplinar entre história e literatura, derrubar os velhos quadros de referência, trabalhando em prol do reconhecimento de novas fontes, de novas possibilidades de olhar acerca de uma temática já abordada, atribuindo a ele novas formas de testemunhos.

Pesquisas como essas que aqui se fazem apresentadas tem o intuito de expandir os espaços de diálogo, dando atenção a elementos que até então poderiam se fazer desconhecidos ou restritos a uma categoria diferente. O cruzar de histórias e áreas de estudo podem atuar não só em uma busca por esclarecimento, mas também na compreensão a respeito dos fatos históricos, buscando entendê-los de uma forma mais clara, objetivando trazer maiores respostas a uma sociedade que anseia por maiores informações sobre assuntos diversificados e principalmente aos que se fizeram ocultos ou não foram totalmente afirmados e expostos.

Em outra via, voltando-se ao presente, a globalização que se tem se demonstrado um instrumento positivo de inclusão social e produtor da aproximação das culturas também acentuou as visões em relação ao reconhecimento dos extremismos. Hoje, devido às informações produzidas diariamente pelos mais diversos suportes

mediáticos foram possibilitados as explorações analíticas no tocante as polarizações ideológicas segundo perspectivas teóricas e práticas.

Em concordância com a atualidade do debate, defende-se através desse trabalho a proteção ao exercício democrático e as liberdades asseguradas pela constituição que nela se fazem embasadas e encorajar novas pesquisas acerca do tema, partindo de sua importância para a reintegração da democracia e impedir que novos muros surjam em seu entorno por idealizadores que visem correções por meio de medidas autoritárias com adoção de hábitos contrários à uma solução que se faça por tais vias.

Vivemos um momento que pede maior compromisso com o interesse público e coletivo, visto a evidente desmotivação dos cidadãos às causas políticas, essencialmente ao que se refere ao brasileiro, portanto, se faz urgente novas visões e olhares mais humanos, no tocante a esses aspectos.

A disseminação de uma cultura do ódio foi um motor que marcou inúmeras sociedades durante o regime ditatorial. O pavor ao “outro”, ao comunismo e ao diferente e a tudo aquilo que rompesse com a ordem social foi analisado, catalogado no intuito de conter a reprodução de certas ideias.

É necessário cada vez mais um aprimoramento no entendimento sobre como se faz o processo democrático e como esse perpassa paradigmas que longe foram estabelecidos. Buscar a pluralidade, bem como o amadurecimento das vertentes de diálogo é uma dessas preocupações para a manutenção da democracia, evitando as contínuas polarizações que se estruturam em meio à violências de ordens diversas.

Hoje, os mecanismos digitais são utilizados como esferas de propagação de saber, mas também podem contribuir como um elemento de desinformação, principalmente ao que se refere à notícias falsas. Usá-los de maneira consciente é uma das maiores estratégias que viriam a possibilitar à sociedade certo grau de maturação nas atitudes políticas e sociais, assim como em escolhas melhores de seus representantes.

Evitar que massacres como os promovidos nos regimes ditatoriais latino-americanos se repitam ou que venham repaginados com um discurso de asseguaração da democracia – como ocorreu em 1964 no Brasil e no Chile em 1973 – é vital para a continuidade da proteção do bem estar social, proporcionando assim, um desenvolvimento e melhorias nos conceitos de democracia a esses países.

No Brasil, após a superação do regime militar brasileiro e implementação de uma nova constituição no ano de 1988, promoveu-se profundas mudanças no cenário político e social. No entanto, muito embora se viva em um país caracterizado pelo amparo de uma das constituições mais modernas do mundo, que assegura direitos como liberdades das mais diversas, como de opinião e de expressão, principalmente, percebe-se um elementar conservadorismo em certas causas, onde constantemente há tentativas de articulação para alterações em alguma perspectiva, anulando alguma questão que na maioria das vezes não vem para um retorno positivo em relação a uma expansão de direitos.

Visto que uma democracia se faz embasada criteriosamente em uma soberania popular, onde a escolha de seu representante se faz expressa pela votação de uma maioria, as decisões governamentais devem, ou ao menos deveriam trabalhar para um aprimoramento do atendimento dos anseios populares.

Apesar da asseguaração de tais suportes, observa-se a propagação de medidas impopulares, onde ao invés de se propor um respeito aos direitos fundamentais do cidadão, há cada vez mais contradições no exercício de tais ferramentas.

Para tanto, é preciso que a sociedade esteja atenta aos fatores políticos e sociais, aos seus direitos, pois contrariamente ao que ocorreu com a conquista de direitos, a perda dos mesmos podem ser rápidas e maquiadas por um discurso de modernizações ou readequações.

A América latina em um sentido geral passa por contínuas ameaças a sua realidade democrática, marcada por crises humanitárias na Venezuela, o exemplo mais expressivo de tal área do globo, levando seus cidadãos a crises estratosféricas em amplos os sentidos. Como pontuado em seções sobre tais percepções, os regimes democráticos latino-americanos sofreram e ainda sofrem com as barreiras impostas e com os momentos vividos.

Além do que aqui foi dito ao longo dessas seções, é necessário tornar os direitos sociais mais robustos, fortalecer as constituições democráticas e trabalhar para o seu aprimoramento, percebendo que apesar de conquistas serem evidentes e direitos terem sido recuperados ao longo das ultimas décadas, ainda são perceptíveis resquícios de um momento que se legitimou através de discursos antidemocráticos.

Tornar o debate político mais atual e aproximado das realidades dos cidadãos em geral, proporcionando a capacidade de conscientização das propostas enviadas para

a ratificação deve ser um dos pilares da estrutura democrática, demarcando assim a participação popular mais consistente.

Através da busca pelo exercício de uma cidadania plena, de um exercício das leis constitucionais, haverá os aprimoramentos dessas democracias pode se esperar menos deturpações das atividades políticas, as quais se fazem provocadas pelos conceitos de segregação.

A construção de uma sociedade mais justa, livre e igualitária é uma das preocupações principais em uma democracia, mas sua realização depende de ações e de instrumentalizações das mesmas.

A leitura da obra literária aqui discutida em paralelo com os teóricos trouxeram um olhar que jamais havia sido atribuído a mim. O caráter interdisciplinar dessa pesquisa veio acima de tudo como um convite ao reconhecimento de outra realidade, outro país, com suas particularidades e história própria, que, apesar de tais levantamentos e reconhecimentos ainda sim trouxe convergências entre os países aqui estudados.

Os países latino-americanos, em destaque ao Chile, apresentado como referência democrática até certo período, passando a ser atingidos por uma onda massiva de repressão, assim como o Brasil, ambos conduzidos por estruturas militares que as privaram de uma realidade que poderia ser diferente.

Através disso, denota-se toda uma complexidade ideológica estruturada com o fim de propor um rompimento de certos elementos em detrimento de outros, muitas vezes ambíguos, onde determinismos são transpassados e criados outros com o intuito de substituí-los. Nesse caso, as lutas sociais atuaram na demonstração de uma postura que vai contra uma lógica de subordinação, em contrapartida o poder também mobiliza energias com o intuito de equilibrar suas tensões internas.

Entender que os relatos das ditaduras devem ser construídos de forma clara e mais próxima da realidade possível é fundamental, ao passo que se vê que esses se fazem como retratos ou ainda pode ser ditos como um “testemunho” de um momento vivido. Deve-se agir com responsabilidade, questionando fatores contraditórios, problematizando demandas informativas, analisar os elementos que trazem confiabilidade ao que foi e é reproduzido. Entender a importância da opinião pública e das documentações não-oficiais para uma vertente histórica é agir com responsabilidade com a mesma, pois através disso, se visa confrontar os fatos controversos e verdades maquiadas por uma censura institucional.

Com isso, ficam as reflexões sobre essas questões históricas que demandam permanências. Além disso, com essa pesquisa há o propósito de se trazer luz a aspectos que são pouco discutidos ou silenciados por causas específicas, como a potencial infiltração dos agentes nas rodas de conversas que visavam discutir as opressoras atuações dos regimes ditatoriais, através de uma linguagem literária, mas também dialogando com a realidade e possibilidade de testemunhos de tal momento histórico. É preciso levar em consideração a discussão dessas interferências à realidade democrática, evitando uma condução ao esquecimento daquilo que marcou gerações com perdas irreparáveis.

Para finalizar, é importante ressaltar aqui também que o paralelo feito com o diálogo entre realidade e ficção não permite a perda de sentido ao passo que se compreende a complexidade estrutural de setores como a DINA, discutida em linhas anteriores. O papel dos informantes e do patrulhamento da segurança nacional ganham representatividade ao passo que se permite fazer tais releituras, usando novos meios, percebendo como funcionava a atuação de toda uma rede que visou assegurar a ordem estrutural da sociedade, ainda que utilizando de artifícios cruéis e sangrentos.

É preciso se fazer atento à História e também as evidências, pois o autoritarismo pode vir a se levantar com novas facetas, reagrupando-se por meio de novas lógicas e estratégias. O distanciamento temporal pode contribuir com o esquecimento das vítimas e dos acontecimentos, porém, a preocupação com a democracia e a estabilidade deve ser contínua, assim como manter a luz aos fatos e momentos históricos é de extrema importância para o futuro dos países latino-americanos.

## REFERÊNCIAS

ARENDRT, Hannah, 1906- 1975. **Origens do totalitarismo**: Hamah Arendt: Tradução Roberto Raposo. – São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. **Sobre a violência**/ Hannah Arendt – 2º ed. – [ tradução André de Macedo Duarte]. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. 1925 – **Confiança e medo na cidade**/ Zygmunt Bauman; tradução Eliane Aguiar. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2009.

\_\_\_\_\_. – **Medo Líquido**/ Zygmunt Bauman; tradução, Carlos Alberto Medeiros. -Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2008.

BOLAÑO, Roberto. **Noturno do Chile**/ Roberto Bolaño: Tradução Eduardo Brandão. – São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BORRALHO, Henrique. **Versura: ensaios (2011-2017)**. / Henrique Borralho. – São Luís: Ed. UEMA; Café & Lápis, 2017.

BOURDIEU, Pierre, 1930 – 2002. **O poder simbólico**/ Pierre Bourdieu: tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) – 9º Ed. – Rio de Janeiro; Betrand Brasil, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**/ Marilena Chauí. – 13. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

**Dicionário de Simbologia**/ editado por Manfred Lurker : tradução Mario Kraus, Vera Barkow. – 2º ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DUTRA, Eliana de Freitas. **O Ardil Totalitário imaginário político no Brasil anos 30**. Rio de Janeiro; UFMG/ UFRJ 1997.

FILHO, Ciro Marcondes. **Quem manipula quem? : Poder e massas na indústria da cultura e da comunicação no Brasil**/ Ciro Marcondes Filho – 5º edição. Petrópolis, Vozes, 1992.

FOUCAULT, Michel, 1926-1984. **Microfísica do Poder**/ Michel Foucault; organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. – 25. Ed. – São Paulo: Graal, 2012.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

GOMES, Paulo Cesar. **Os bispos católicos e a ditadura militar brasileira (1971-1980): a visão da espionagem**/ Paulo Cesar Gomes. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Record, 2014.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**/ Stuart Hall; Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira – Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio: Apicuri, 2016. 260 p.

HOBBSAWN, Eric. 1917 - **Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991**/ Eric Hobsbawn: tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KOSELLECK, Reinhart, 1923- 2006. **Futuro passado**: Contribuição à semântica dos tempos históricos/ Reinhart Koselleck; tradução do original alemão Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão da tradução César Benjamin. – Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC – Rio, 2006.

MENDES, Ferreira Clécio. **Ideologia e Poder: a DINA e a repressão na ditadura do General Augusto Pinochet**/ Clécio Ferreira Mendes. Disponível em 21/07/2017: <[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371325378\\_ARQUIVO\\_IDEOLOGIAEPODERNADITADURACHILENAANPUH.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371325378_ARQUIVO_IDEOLOGIAEPODERNADITADURACHILENAANPUH.pdf)>

POLICZER, Pablo. **A Polícia e a Política de Informações durante o Governo Pinochet**. /Pablo Policzer. Disponível em 21/07/2017: <[bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/2076/1215](http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/2076/1215)>

**Por uma História Política** / Direção de René Rémond; tradução de Dora Rocha. –2. Ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 472 p.

REIS, José Carlos. **Teoria e História: o tempo histórico, história do pensamento histórico ocidental e pensamento brasileiro**/ José Carlos Reis. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

SELIGMAN-SILVA, Márcio. **A literatura do trauma**. Cult. Revista brasileira de literatura, São Paulo, no. 23, jun, 1999.

WINN, Peter. **A Revolução Chilena** / Peter Winn; [tradução de Magda Lopes]. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

<https://www.infoescola.com/biografias/roberto-bolano/><acessado em 18/01/2018>

**ANEXOS**





## ANEXO 3: "O CRISTÃO E A POLÍTICA" – DOSSIÊ 180, CAIXA 15.

Encontrado na edição da revista Kayrós (nº 1), o texto por Samuel Escobar problematiza acerca da participação do cristão diante das causas políticas, a qual classifica que "O evangelho de Jesus Cristo não tem seu próprio programa político" e propõe o questionamento do uso do mesmo para tais fins.

Samuel Escobar

### O cristão e a política

A política é uma das múltiplas atividades humanas que tornam possível a vida do homem na sociedade. Assim como a medicina, os negócios, os trabalhos nas minas ou a carreira militar, é um campo aberto à ação do cristão. Toda atividade humana, inclusive a atividade espiritualmente eclesial (a pregação ou a evangelização), está sujeita a tentações, e o cristão que dela participa necessita do poder e da sabedoria de Deus, para fazê-lo sem cair nas tais tentações. Não se pode encontrar nenhum versículo do Novo Testamento que proíba a atividade política ao cristão. As expressões de João (I João 2,15-17) ou Tiago (Tiago 4,4) com respeito ao mundo se referem a uma maneira de comportar-se no mundo que segue a vontade de Satanás e não a de Deus. Estas expressões podem ser aplicadas igualmente ao exercício da medicina, da pregação do evangelho ou do comércio, e não unicamente ao da política. Há uma forma mundana de se fazer medicina, evangelizar ou fazer negócios. Temos que ter cuidado com ela.

No Novo Testamento não temos exemplos da participação ativa na política por duas razões. Primeiro, porque a igreja está nascendo e é uma minoria perseguida, sem muito status ou prestígio social. Segundo, porque nesse tempo a participação na vida política tem outras características diferentes das atuais. Por exemplo, não há eleições nem voto obrigatório para o cidadão comum.

Os cristãos evangélicos em alguns lugares, tanto pelo fato de serem minoria como pelo fato de haverem adotado uma atitude de separação do mundo em algumas áreas específicas, não participam da política. Tal é, por exemplo, o caso dos evangélicos na Espanha ou na Argentina. Em outros países como Holanda ou Inglaterra, há uma tradição evangélica diferente. Homens como William Wilberforce ou Abraham Kuyper foram evangélicos notáveis por sua participação na vida política.

Em alguns casos a prescendência se justifica devido ao caráter divisivo ou

idolátrico que a política pode tomar. Em outros casos o caminho político está fechado ao cristão. Por exemplo, nos países comunistas a atividade política exige filiação ao Partido Comunista e por conseguinte, aceitação de um credo básico que é ateu e o cristão não pode aceitar. Outros tipos de totalitarismos (nazismo ou países islâmicos) exigem do participante uma negação de certos princípios cristãos fundamentais.

Entendemos aqui o termo «evangélico» como crente no novo nascimento por fé em Jesus Cristo, na autoridade da Palavra de Deus, na ação e poder renovador do Espírito Santo, e nas doutrinas básicas dos grandes credos Apostólico e Niceno. Nesse sentido é diferente do Católico Romano e é mais que simplesmente Protestante.



Como se pode dar a participação política? Que princípios a guiarão?

Em primeiro lugar, reconhecer que a Igreja de Jesus Cristo está por cima de e algo diferente da política. O Evangelho de Jesus Cristo não tem seu próprio programa político, não é isso que propõe ao homem. O Reino de Deus transcende todo programa político.

Por sua própria natureza, o político se refere à sociedade que está sempre em transição e em mudança. Um programa político que foi bom há cinquenta anos pode ser obsoleto hoje em dia.

Por isso eu creio que não se deve colocar o adjetivo «cristão» a nenhum programa político, porque se corre o perigo de sacralizá-lo e colocar a igreja a serviço do poder político ao invés deste a serviço de Jesus Cristo.

A tentação católico-romana tem sido essa. Há certo tipo de católicismo tradicionalista que considera que a Alta Idade Média foi a época «cristã» da humanidade, e segue propondo modelos políticos da Idade Média que não servem para o nosso tempo. Também o marxismo tende a sacralizar certos esquemas e lhes dar dogmaticamente o caráter de verdades absolutas que se creem com fé quase religiosas. Estas tentações o cristão evangélico deve evitar.

Em segundo lugar, a política como outras atividades humanas, é uma ciência e uma arte. Demanda especialização e certos dons. O cristão deve entrar nela com realismo e conhecimento de causa. Quando a igreja cresce, os políticos querem usá-la para seus próprios fins. Precisamente o político cristão é o que tem que evitar que se dê tal instrumentalização. Ao distinguir claramente sua lealdade absoluta a Jesus Cristo de sua lealdade à realidade transitória do político, ajudará a igreja «a ser igreja» e não converter-se num instrumento de ninguém.

Terceiro, semelhantemente à ciência ou ao poder econômico (dinheiro), o poder político está sempre tentado a converter-se em um ídolo, fazendo-nos crer que pode solucionar tudo e que tem todas as respostas de que o homem necessita. O cristão precisa constantemente combater essa tendência idolátrica. A mesma advertência de Jesus quanto ao dinheiro às vezes ser um rival de Deus em nossa vida, se pode fazer quanto à ciência ou à política que podem converter-se em ídolos que nos parecem todopoderosos e substituir a Deus.

Quarto, como resultado desta desmitologização da política percebemos que a vida do homem sobre a ação política não está composta unicamente de ações políticas. Que um homem que cumpre seu dever de amar ao próximo e servi-lo em

pequena escala, que um pai que luta por ser honesto e ter um lugar, contribuem, como todo ser humano, pode fazê-lo, a que a vida social seja melhor ou pior. Sem esta infraestrutura moral a política resulta inútil, vazia e decepcionante.

Quinto, o crente em Jesus vive como Abraão (Hebreus 11,9,10) esperando a cidade final que Cristo trará quando regressar definitivamente. Enquanto essa realidade não vem, ele vive na cidade humana transitória, mas com o espírito de reconhecer a transitoriedade de toda empresa humana. A esperança que Cristo venha nos faz mais ativos no presente mas nos ajuda a não desparar toda a nossa esperança no resultado dessa atividade.

A luz de todos estes princípios, creio que certos países latino-americanos têm já uma comunidade evangélica que está sendo convidada a reconhecer a validade da ação de alguns de seus membros que decidem seguir a vocação política. Ao mesmo tempo, respeito a quem, em vista da violência e corrupção que caracterizam muitas vezes a vida política, decide manter-se a margem dela. Respeito também a quem crê que, dado o caráter minoritário e muitas vezes a situação de desamparo das minorias evangélicas, opta por uma atividade que busca só a sobrevivência da igreja mesma e evita o compromisso político. Em todo caso, sem dúvida, devemos estar alertas para que quando o poder político, qualquer que seja ele, busque instrumentalizar a igreja, nos encontre firmes nesta convicção: «Jesus Cristo é o único Senhor da Igreja e a Igreja não é um partido político».

Alguns estudiosos da Bíblia acham que os nossos dias já apresentam condições para que as profecias encontradas no Velho e Novo Testamento sejam concretizadas. Inclusive a do anticristo. Estas opiniões, unidas ao momento em que vivemos, de grande interesse pelo mistério e ocultismo - tudo isto resultou num filme bem ao gosto de nossa época.

Alguns pontos, entretanto, não mantêm tal nível de seriedade e qualidade. Estão impregnados de credências medievais. Por exemplo: o menino deveria ser executado com determinadas facas «mágicas» num lugar santo, ou seja, dentro do templo. Há ainda o posicionamento do padre, querendo «fabricar» a salvação de sua alma através de atos, deixando de lado a misericórdia de Deus; ele, como sacerdote, deveria saber alguma coisa do Cristo que perdoad e recebe aqueles que se aproximam dele.

Eu, pessoalmente, não encontrei em toda a Bíblia aquela profecia que o padre apresentou. Existem várias isoladas, como a de que os judeus voltariam para a Palestina no final dos tempos. Existe outra, anunciando o aparecimento do anticristo. Entretanto, não

achei a do ressurgimento do Império Romano, apesar das inúmeras fontes pesquisadas.

Senti que a grande maioria dos espectadores abandonou o cinema levando consigo uma dúvida: Será que estas coisas podem ocorrer? Muitos saíram falando que iriam procurar uma Bíblia para ver se ela realmente diz estas coisas.

Encontrei as mais diferentes opiniões sobre o filme. Para alguns, apenas mais uma obra de horror e suspense. Para outros, algo tolo, quase infantil. Outros ainda o consideraram como um trabalho forte, assustador, falando de coisas de que eles nunca ouviram, quase um aviso... uma profecia.

**O Evangelho de Jesus Cristo não tem seu próprio programa político, não é isso que propõe ao homem**

**A PROFECIA** GREGORY PECH LEE REMICK RICHARD DONNER

Paulo Augusto

Um diplomata americano é enviado a Londres, com sua esposa e filho. Lá chegando, coisas estranhas ocorrem, como a morte inesperada de uma jovem proceplora, a impertinente presença de um padre assustado, e as enigmáticas fotografias de um repórter.

O sacerdote procura o diplomata para lembrar-lhe que **Apocalipse**, o último livro da Bíblia, prevê um confronto final entre o bem e o mal, com a chegada do anticristo - filho do diabo - no momento em que os judeus voltarem para a Palestina e o Império Romano ressurgisse. O padre diz mais ainda: que o filho deste americano é o anticristo.

Inegavelmente, **A Profecia** é uma produção audaciosa, uma estória que prende a atenção do início ao fim.

20 CENT FOX ESTE PODE SER SEU ÚLTIMO AVISO. SE ALGUMA COISA ATERRORIZANTE ACONTECER HOJE, PENSE MUITO SOBRE ISTO... PODE SER.

**HOJE** dia 18º ao 20º



## ANEXO 4: "AO POVO DO MARANHÃO" DOSSIÊ 180, CAIXA 15.

Panfleto que traz nota de repúdio em relação às prisões dos padres Marcos e Cláudio e de estudantes, vistos como responsáveis pela revolta contra o Governo. A mesma aproveita o ensejo pedindo o fim do terror policial e classificam como subversivos aqueles que usam a Polícia contra o povo.

Pasta 160 cod 07-fl-167.2

# 'AO POVO DO MARANHÃO'

Mais um ato de violência está sendo cometido contra o povo maranhense. E do conhecimento público que o governo abriu um inquérito para perseguir e intimidar estudantes, professores e padres.

A greve da meia passagem foi apoiada por todo o povo, porque era justa e sobretudo porque o problema do custo de vida atinge a todo o mundo. A paciência do povo já se esgotou de ver todo dia as coisas subirem de preço e os salários continuam contidos.

O Governo quer atribuir aos Padres: Rejean, Marcos e Cláudio a responsabilidade pela revolta popular que São Luís assistiu e que o Brasil e o mundo tomaram conhecimento. Os responsáveis pela revolta do povo são: o desemprego, a fome, os baixos salários, a marginalidade, a falta de moradia, o custo de vida, etc. Acontece que toda vez que o povo se organiza para reivindicar seus direitos tem como resposta a violência policial, bombas de lacrimogênio, metralhadoras, prisões, espancamentos e mortes. É isso que tem ocorrido em São Paulo, Brasília, Rio, Belo Horizonte. E todas essas barbaridades estão acobertadas por uma porção de leis arbitrárias e injustas em vigor em nosso País. As leis que reprimem a organização popular só servem para engordar os lucros de uma minoria privilegiada. A prova disso é que nunca se viu um patrão ser preso ou punido por pagar um salário injusto ao trabalhador, nunca um grileiro ou grande proprietário sofreu qualquer punição por expulsar os lavradores da terra. Os donos de ônibus retiraram de circulação os mesmos, prejudicando toda a população, mas nenhum deles foi espancado ou preso pela Polícia. Quando os motoristas de ônibus se juntaram para reivindicar melhores salários e condições de trabalho, tiveram suas lideranças presas e espancadas. Com os motoristas de táxi aconteceu a mesma coisa. Em Arari, uma professora foi sequestrada pela Polícia, porque organizava uma campanha contra o aumento do preço da carne. No campo, todo dia se tem conhecimento de violências e arbitrariedades cometidas contra os lavradores que lutam para garantir a posse de suas terras.

A violência policial campeia em todo canto. Sexta-feira passada a Polícia invadiu o Colégio Coelho Neto para espancar estudantes. Invadiu uma residência na COHAB, espancando seus moradores. Por último, uma caçamba cheia de policiais sequestrou vários estudantes! levando-os para um matagal e lá chegando estes policiais cortaram a face o cabelo dos rapazes, aplicaram-lhes violenta surra e os deixaram totalmente despidos. O povo já não aguenta tanta exploração e humilhação. O que fica claro disso tudo é que os governantes, a justiça, as leis, a polícia só garantem mesmo o direito dos poderosos, porque os pobres e assalariados, os oprimidos só tem direito é a taca.

O que o Governo quer é aterrorizar e impedir

o povo de se organizar e de lutar por melhores dias. O Governo anda dizendo que os padres e todos aqueles que se colocaram ao lado do povo são subversivos. Porém, subversivos são aqueles que usam a Polícia contra o povo e os que querem mantê-lo nessa situação de miséria e opressão.

O terror policial não vai calar a boca do povo, porque todos sabem que o povo unido e organizado é forte e vai conquistar a sua libertação.

Todo apoio e solidariedade aos Padres Rejean, Marcos e Cláudio, aos estudantes e todos os presos.

Pelo imediato fim do inquérito da Polícia Federal;

Pelo fim do terror policial;

Pelo fim da legislação de exceção;

Pela livre organização do povo;

O povo unido e organizado jamais será vencido.

~~SOCIEDADE MARANHENSE DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS~~

~~COMITÊ BRASILEIRO PELA ANISTIA DO MARANHÃO~~

~~COMISSÃO PASTORAL DA TERRA~~

~~ASSESSORIA DE IMPRENSA DA ARQUIDIOCESE~~

~~CENTROS DE ESTUDOS TEOLÓGICOS~~

~~MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO~~

~~PASTORAL DA JUVENTUDE~~

~~PASTORAL UNIVERSITÁRIA~~

~~MOVIMENTO OPOSIÇÃO PRA VALER~~

~~DIRETÓRIO REGIONAL DO MDB~~

~~DIRETÓRIO DISTRITAL DO MDB DA LIBERDADE~~

~~DIRETÓRIO DISTRITAL DO MDB DO TIRIRICAL~~

~~DIRETÓRIO DISTRITAL DO MDB DE SANTA CRUZ~~

~~DIRETÓRIO MUNICIPAL DO MDB DE SANTA LUZIA~~

~~CARITAS~~

~~ASSACRE~~

~~CLUBE DE JOVENS DO TIRIRICAL~~

~~MOVIMENTO CONTRA A CARESTIA~~

~~DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES - DCE/UFMA~~

~~DIRETÓRIOS SETORIAIS DE UFMA~~

~~DIRETÓRIO DA ESCOLA DE AGRONOMIA DA FESM~~

~~JUVENTUDE ANILENSE CRISTÃ~~

~~DIRETÓRIO DA ESCOLA DE ENGENHARIA DA FESM~~

144

**CONFIDENCIAL**

## ANEXO 5: BOLETIM DA SECRETARIA PAROQUIAL DA CIDADE DE CHAPADINHA-MA

Acerca das problemáticas em relação à terra, o Boletim Paroquial faz nota as abordagens na reunião dos bispos da CNBB em relação à questão da terra e sobre a reforma agrária e como a Igreja deve reagir diante dos conflitos, pontuando compromissos da pastoral.

problemas da terra e  
IGREJA

Em Itaici, a assembléia dos bispos da CNBB, aprovou o documento da TERRA.

Eis alguns tópicos:

-INTRODUÇÃO: A situação dos que sofrem por questões de terra em nosso país é extremamente grave. Ouve-se por toda a parte o clamor desse povo sofrido ameaçado de perder sua terra ou impossibilitado de alcançá-la.  
É missão da Igreja convocar todos os homens para que vivam como irmãos superando toda forma de exploração, como quer o único Deus, e Pai comum dos homens.

-A REALIDADE DOS FATOS

1.- A TERRA de todos como terra de poucos. Em 1970, os estabelecimentos agropecuários com mais de 20 ha. tinham 50.6% da sua área, tomados por pastos e apenas 8.5% por lavouras. Já os pequenos produtores, com estabelecimentos de menos de 20 ha. dedicam 50.1% de suas terras à lavoura e 21.1% à pecuária.

-MIGRAÇÕES E VIOLÊNCIA NO CAMPO: Há no país, milhões de migrantes, muitos dos quais obrigados a sair do seu lugar de origem, ao longo dos anos, devido principalmente à concentração da propriedade da terra, à extinção das pastagens e à transformação nas relações de trabalho na lavoura.

-O MODELO POLÍTICO A SERVIÇO DA GRANDE EMPRESA: Nenhuma A política dos incentivos fiscais é uma das causas fundamentais das grandes empresas agropecuárias à custa e em detrimento da agricultura familiar. Pescadores artesanais de áreas costeiras são igualmente prejudicados por projetos turísticos e por dejetos industriais.

-A QUESTÃO DAS TERRAS E DOS POVOS INDÍGENAS: Nenhuma das comunidades indígenas em contato com a sociedade nacional escapou às investidas sobre suas terras.

-RESPONSABILIDADE PELA SITUAÇÃO: Certamente, todos nós temos alguma responsabilidade em relação a esta situação de vida e trabalho que enriquece uns poucos à custa da pobreza ou da miséria da maioria. A injustiça que cai sobre os posseiros, os índios e muitos trabalhadores rurais, não apenas é ação de um grileiro e seus capangas, de um delegado e seus policiais, de um juiz e seus oficiais de justiça, de um cartório e seu escrivão; é antes a concretização localizada da "injustiça institucionalizada" de que fala o documento de PUEBLA.

-CONCENTRAÇÃO DO CAPITAL E CONCENTRAÇÃO DO PODER: Estamos diante de um amplo processo de expropriação dos lavradores, levada a efeito por grupos econômicos. Lamentavelmente, a própria definição da política governamental, em relação aos problemas da terra, se fundamenta num conceito de desenvolvimento social aceitável para uma visão humanista e cristã da sociedade.

-FUNDAMENTAÇÃO DOUTRINAL: A terra é um dom de Deus a todos; ela é um bem natural que pertence a todos e não um produto da sorte.

-NOSSO COMPROMISSO PASTORAL: Assumindo um compromisso sério com os trabalhadores, precisamos alimentar sua e nossa coragem e esperança, especialmente na hora das dificuldades e perseguições. Assim constantemente reanimados pela lembrança da promessa e certeza da libertação trazida pelo Senhor, vivida na comunidade e celebrada na Eucaristia os cristãos cumprirão sua missão de ser fermento, SAL e LUZ.

14

